



ALFREDO BASTOS

FANTASIAS

10 de Janeiro 29 de Março 1879

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

Alfredo Bastos.

---



ANTASIAS.



SERIE DE FOLHETINS PUBLICADOS

NO

Jornal do Commercio.



RIO DE JANEIRO

Typhographia de J. Paulo Hildebrandt

Rua da Alfandega n. 87.

1879.



*A meu tio*

J. J. Pereira Barbosa.

---



*A meu tio*

J. J. Pereira Barbosa.





# FANTASIAS

4.<sup>a</sup> SERIE.

## FANTASIAS A QUATRO MÃOS



indole do povo brasileiro tem uma natural, indiscutivel tendencia para a arte de Euterpe.

Por todos os beccos,ruas e praças transitam diariamente esses grupos de seis ou oito filhos adoptivos de Cameron e Stanley.

Ao som de um interminavel *refrain*, inspiração de algum *maestro* das plagas africanas, lá vai um Pleyel, um Herz ou Erard.

Acontece que na maioria das vezes descremos do nome do autor que garante-lhe o *non plus ultra*. Chegamos até aos apuros de não poder differençar o som do instrumento do da favorita viola, a lyra do seu Zé do cortiço.

E está o gosto de tal modo enraizado na côrte brasileira que rico, remediado ou pobre, lá vai cada um accender uma vela á deusa

Euterpe, isto é, dar á filha um piano.

Dá-se o balanço, apura-se uns cobres e lá vai um Pleyel.

Sensação no bairro. O hymno do trabalho dos filhos côr de ebano acorda a curiosidade adormecida. As cabecinhas correm ás rotulas, curiosas de novidades.

— Olá, diz uma respeitavel matrona que conhece a historia de todo o quarteirão. parece que o visinho tirou a sorte grande !

— Qual ! aquillo é elle que já está preparando os *pau-sinhos* para casar a filha.

— Minha filha disse não ha de precisar, eu quero caso-rio. sim... como quem diz.

— Cousa que nasça aqui.

Aqui — significa o coração.

— Pois eu acho, D. Barbara, que aqui não andou a sorte grande ; isto cheira-me a negocio dos *negocios* da alfandega !

Seja qual fôr o motivo, a maré de felicidades, o caso é que o Pleyel lá está em casa.

Mesmo que o unico valor seja representado apenas pelo casco, o proprietario eleva o merito da peça artistica e eil-o fazendo furor na vizinhança.

A filha presenteada, agarra-se á novidade ; larga por estes oito dias o *crochet*, franze o narizinho á grammatica franceza que tenta estudar, sem conhecer a nacional e abre a grammatica da arte.

Grande discussão na escolha do methodo a comprar. E' preciso, porém, fazer a vontade da menina, que sempre consegue vencer ; e, quando não, o pézinho já tremulo, marcaria o compasso da impaciencia no assoalho. Coitadinha ! Effeitos do leite condensado ! Entram na vida com extremos abalos nervosos, cousa que nossas avós não conheciam.

Dizem as más linguas, eu não, que o sopro animador da vida feminil é a vaidade.

Eu, sem duvida, confesso que ainda não me dei ao can-saço dessa observação E' bem possivel.

Verdade ou não, lá vai a filha do seculo e das modas exhibir as suas habilidades.

Agora sim ; vejamos.

A principio reúne-se a mamã, o papai e toda a criança, na sala de visitas a render a devida venia ao amigo e novo companheiro que lhes appareceu.

Bemvindo seja elle !

O Pleyel sustenta a proverbial gravidade da raça germanica.

Escuta silencioso ou lastima-se antecipadamente das sóvas que lhe darão, dos supplicios por que hão de fazel-o passar.

Nesse dia o pai commemora o facto jubiloso dando ponto na repartição. A mucama, essa immoredoura metade das Sinhás, largou a louça e corre ao observatorio — á porta — para dar parte ao director da agencia, a venda do canto, da novidade do dia.

A visinha debruça-se na janella e tenta metter o narizinho na do visinho. O rateiro junta-se ao enthusiasmo e larga tres *hurrahs* ! na lingua que esteja, talvez, estudando algum naturalista.

O Pleyel..... moita !

O velho — é este o termo que a moda adopta para significar pai — faz observar o primor -dos bordados da madeira, as vantagens da compra, emquanto a velha faz ver a necessidade de uma capa para preservar o traste do pó. E ninguem se lembrou ainda de uma poeiricida !

O velho está impaciente para julgar do talento artistico da filha, e como recorda-se dos *bons tempos* da Candiani e Stoltz, entende que tem os devidos requesitos que possam dar-lhe o diploma de diletante critico. E porque não ?

Nesta terra ha tantos Scudos, que, mesmo sem escudos, são capazes de discutir sobre os mais delicados assumptos do complicado contraponto.

— Fífina, diz o velho com voz animadora, experimenta

aquella polka que tocaste domingo em casa do compadre Bento.

— Ora, papai, com um dedo só não tem graça. . .

— Não faz mal, minha filha, toca lá ; mão, já começas ? Este *mão* a Fifina sabe o que quer dizer perfeitamente.

Sua senhoria, o irmão de oito annos, já tendo em si a impaciencia da idade, experimenta cautelosamente a ultima tecla da esquerda.

O Pleyel abre a larynge e o *lá* profundissimo exprime a primeira dôr.

O auditorio recúa assustado e um *coque*, qual raio de Jupiter paterno, flagella a nuca do Candinho, que, por sua vez, dá o *lá* agudissimo, decima milionesima expressão de seus caprichos.

A Fifina ralha tambem, pois já lhe parece um attentado aquella profanação.

O Candinho refugia-se na cozinha, passa á sala de jantar e emquanto a paternidade admira a filha, elle examina se o assucareiro está sufficientemente surtido. A Fifina, no entanto, já está exhibindo a Zizinha e o index da mão direita faz prodigios. Um suspiro que se escapa pelos labios entre-abertos da matrona mãi acha écho no systema laryngitico da sua cara metade.

— O' Rosa, experimenta tu agora. hein !

— Isso já não é para nós, meu caro, já se foi o tempo ! Ah ! . . .

Mas a boa da senhora D. Rosa não tem o merito, digo, defeito de se fazer rogada ; e, zás, os seus rejuvenecidos dedos saltam de um para outro lado, querendo recordar-se de uma polka, a delicia dos salões fluminenses, ha 40 annos.

Uma especie de *minuetto* do tempo da republica traz á memoria do ditoso par um tempo melnor, escondido nas brumas do passado. Segue-se o resto.

Vem o mestre. O Pleyel geme diariamente ; os seus quei-

xumes exprimem-se por escalas maiores ou menores, interrompidas pelos dedos do Candinho, que só gosta dos baixos profundos ao contrario, talvez, do pai que aprecia os sopranos, a mãe os tenores.

E' escusado dizer que se junta a formar um tercetto a Negrinha.

Negrinha designa o rateiro pertencente ao sexo fominino.

As afinações e cordas succedem-se. O Canongia é o que quer, dá um pulo e concerta a larynge do Pleyel.

Emfim, Mademoiselle Fifina ( para me recordar de um programma da Philarmonica ) tem feito excellentes estudos, e o progresso revela-se na limpeza com que executa.

A paternidade exulta em ver no cerebro de Fifina a seiva do talento. E a Sra. D. Rosa, sentindo os ardores do entusiasmo subirem-lhe ao nariz, diz lá para si, depois de madura experiencia :

— As raparigas têm mais talento que esses tolos marmanjos de agora ; no meu tempo era cada rapaz que se podia ver !..

O Candinho ouve tambem por sua vez a ameaça terrivel.

— Venha para aqui, menino ; deixa estar, tu, amanhã, sem falta vais para a escola.

Mlle. Fifina tem um Exm. primo, pimpolho de 14 annos, quarto annista do Pedro II, socio, escolasticamente fallando do ponto dos bonds de Botafogo e um portento no piano.

O pai deste acha. acha justamente ao contrario de D. Rosa, que os rapazes têm mais bossa artistica que as moças ; sem deixar, comtudo, de reconhecer que no *seu tempo*, etc....

Eis-nos chegados ao ponto.

Os priminhos conhecem-se. Adivinham-se até. Os progressos mutuos attrahem-se, arrastando o entusiasmo das duas paternidades ; as quatro boccas paternas e maternas exclamão a um tempo :

— Hão de tocar a quatro mãos, sim, senhores, a quatro mãos.

— Mas eu tenho vergonha, mamãe.

— Qual historias, tolinha . . .

— Pois eu já toco, diz o nosso quarto annista.

— Ora vamos experimentar . .

— Mas eu não tenho musica . . .

— Não importa, observa o nosso heroe, qualquer musica serve, — a prima toca a parte cantante eu faço o baixo.

— Não fica bom assim, primo,

D. Rosa sente uma nova vergonhea de enthusiasmo pela filha. Oh ! aquella observação ! . .

— Nada ! as raparigas são mais intelligentes, não ha que vêr.

Ajustam-se os primos. Elle, com todo o elegante cava-lheiro, encarrega-se da musica.

Excogita, procura pelos armazens de musica, até que acha uma nas condições de sua vontade. Escusado é dizer que aqui a condição *sine qua* era apenas a do titulo.

E, como dizia Pascal—*le cœur a ses raisons que la raison ne connait pas*—, elle sente já um attrativo pelas fantazias a quatro mãos, ou . . antes, pelos olhos da priminha.

Nos primeiros oito dias os dous campos dos athletas de saia e calça martellam o Pleyel.

Os inglezes castiguem-me com um *shoking*.

Os professores, riscam, rabiscam até que um dia sahe tudo correcto.

Está tudo sabido, só falta *juntar*.

Esta é a giria do dilettantismo.

D. Rosa tem a paciencia, apezar de nunca sahir de casa, de levar a Fifina á casa da comadre, mãe do pseudo-pim-polho. Mas, na realidade quem a impelle, quem a anima é a vaidade materna.

Que engenho para a arte o do fructo de suas entranhas ! E que professor.

E' o melhor do Rio de Janeiro que até hoje não sabe qual o peor, porque todos acclamam o seu como o primeiro.

Chega o dia de se juntarem todos ( até as musicas ) e o professor, apesar de seus cincoenta e tantos Dezembros (Janeiros é antiquado), não deixa de sacrificar mais uma ou duas gottas da classica agua Florida, e *rasè, parfumé, per-ruqué, lá vai.*

Comprimentos de estylo, apresentação, elogios ao primeiro professor, são as primeiras gyrandolas de foguetes. O D. Bazilio corre unas escalas, estylo elevado, de setimas augmentadas e sextas diminnidas. Que execução !

Segue-se a realidade, e a realidade é tão triste !

Retiram-se da sala os pais.

E' natural ! Vergonha da menina ! nunca tocou a quatro mãos. Estam-se-lhe gelando as mãos !

— Ataquem á terceira pancada, diz o mestre. Um, dous, trez.

Admiravel !

Já voltáram a pagina, já vão na terceira, quarta, quinta e isto tudo sem errar.

O mestre, enthiasmado de tanto talento, levanta-se e possesso dos arroubos da arte, vem collocar-se por detrás de Fifina, que tem de tocar umas diabolicas semifusas e não póde virar a pagina.

*Il maestro* fa-lo, porém, com tal pressa, que o traidor rapé, liquifeito, cahe, qual lagrima, fruto de uma alina sensibilizada, sobre o penteado de Fifina. Os enchimentos não permittem passar além.

Vantagens essas da moda.

A patrulha paterna vem pé ante pé espreitar.

Quando o ultimo acórde sôa, e a mão do *maestro* acaricia a prima do discipulo, rompem os applausos.

O professor elogia em extremo as habilidades da Fifina.

Desgraçado que fizeste !

Nova vergontea de vaidade no coração de D. Rosa.

— Bis ! e a fantasia faz de novo gritar o Pleyel.

Novos applausos ; a mucama tambem toma parte nos brinquedos de Sinhá, e o Candinho, que filou um cigarro ao quarto annista, conserva-se atraz do grupo paterno, arremedando o nosso D. Bazilio.

Typo unico no seu genero é esse em quem a vertical tirada tangenciando o abdomen, semi-esphera, augmentando de raio, passaria palmo e meio distante do nariz, por sua vez, descendente do da estatua de S. Carlos Borromeu, onde dizem, póde uma creatura sentar-se e jantar á vontade ! *Dicant Paduani !*

E' esta uma festa familiar, inauguração de bons momentos, *et reliqua*.

A' noite vem a visinha, a maior amiga da menina. Quando esta se mudar, a outra que vier será maior ainda. Fórma-se a *soirée*, geme o Pleyel, chora a Zizinha, dausam os filhos de Euterpe, e o Candinho recebe mais uma vez as ameaças da Esphinge.

A' medida, porém, que passam-se os dias, os mezes, succedendo-se os *morceaux choisis*, e os dedos augmentando de velocidade, chega o momento, o ponto final, resultado das fantasias a quatro mãos.

O nosso heróe já não é mais *bicho* é academico, o que eleva-o aos olhos de Fifina.

Ella, por sua vez, conseguiu ganhar a ultima batalha ; comprou um collete Pompadour e emendou os vestidos.

Anno novo do bello sexo !

Chega a quadra em que estremecem os corações ao sopro desse agente que a *physica* não nos aponta, a que chamam amor, com todas as suas classificações desde o *namoro* até a poetica inclinação.

— Cá está, diz ella, uma phrase de Bellini, tocante, simples, como toda a expansão natural de uma alma sensivel.

Fifina suspira : o primo com um *forte-piano* dá um sincero ai ! E o Pleyel, o eterno pau de cabelleireira, responde

tambem ai ! D. Bazilio já não encontra o mesmo progresso. Não admira !

Progridem as almas nas aspirações ; diminue a velocidade, surge a expressão, as accentuações desta, daquella nota.

As modulações succedem-se naturaes, comprehensíveis, perfeitamente interpetradas ; porém a quatro mãos não é o mesmo.

Fifina erra, o primo *idem*.

Por que ? tanto progresso !

E' que interpretam differentemente.

As polkas jazem no esquecimento ; agora Bellini Chopin.

Fifina tem em sua alma o natural sentimentalismo do sexo a que pertence.

Seu coração comprehende Bellini, e em sua mente levanta-se um ideal.

O primo interpreta com o genio da inspiração. Fifina executa, o priminho cria, compõe.

Os dedos, quando procuram duas notas proximas, chocam-se.

Os de Fifina cedem, e os do primo obrigam os della a cederem.

Depois— as fuzas são tao difficeis ! São até, ás vezes, incomprehensíveis. Dous dedos hão de sustentar um *lá* e procuram, como é bem de ver, o dito *lá*, mas o academico que tem augmentado em liberdade, passa o minimo da direita por baixo do minimo da mão esquerda de Fifina.

D. Bazilio, que tem um excellente ouvido, ouve a nota, fica satisfeito,

A mocinha ri-se e pucha lentamente o dedo ; em seguida, confusa, perde de vista o compasso. O dedo escorrega de um semi-tom e o D. Bazilio pula, corrige.

Recomeçam. Pedal ! Fifina calca o pedal e o academico enthusiasmado, ataca o pedal, onde estava e pésinho della.

Retiram-se os criminosos.

— Pedal, meninos ! não vêem escripto ? Diz o D. Bazilio.

E os dous, enganando-se, atacam diversamente os pedaes. Fífina o da esquerda, o primo o da direita.

— Não gosto disso, diz ella.

Ralha o *maestro*, a menina chora e o Candinho corre a chamar a D. Rosa. O academico amanhece, um dia, positivista. Ama agora Weber, Mozart e toda essa gente graúda. Não entende o “ Trovador ” e admira o “ Tanhauser. ” Não se engana no pedal.

Fífina vai, no entanto, amando o lyrismo. Succedem-se os companheiros. E a quatro mãos lá vão esgotando os repertorios dos mestres.

E, como tudo tende a mudar neste valle de lagrimas tambem lá vai ella seguindo a moda.

Hoje, o lyrismo ; amanhã, musica do futuro. Progresso e mais progresso até que estréa no *Mozart* e passa á *Philharmonica*.

Está nas azas da fama.

Não lhe peçam mais para tocar. Gente que não quer começar nem acabar ! Vem depois os tenores, novo character de *dilettanti* de uns cinco annos ultimos. Gente inclinada á arte, cantalorando aos ouvidos do proximo toda a Aida.

O perigo está em começarem, porque então — adeus, Fífina, eil-o feito um Gayarre. Aturo-o que eu me despeço. Até depois.



## OS CONFIDENTES.



da natureza do homem ter em todas as phases da vida um confidente. Desde a infancia até a velhice carece ter a seu lado alguém a quem confie um segredinho e com quem dê expansão aos sentimentos.

Quanto a mim, considero as confidencias um imposto a que nos devemos sujeitar muito calados.

Como sou, porém, rebelde a todos os generos de imposições, fujo, sempre que posso, desses amigos que nunca faltam, que nos procuram para narrar as suas aventuras galantes e todas as especies de felicidades com que os acabrunha a fortuna.

Homens ha que procuram confidencias por vaidade ; e outros as fazem com o firme proposito de apparentar convivencia no mundo aristocratico ou com homens de certa posição social.

Vaidosos os primeiros, porque de um simples facto criam um romance cheio de peripecias, que os elevam a certas alturas para onde não é dado a todos olhar.

Egoistas os segundos, porque o martyr da confidencia, transformado em confessor, ouve-os sem partilhar da minima ventura que gosam ou dizem gozar. O homem só guarda segredo das acções que praticou quando são más ; é por isso que o tempo se encarrega, cedo ou tarde, de patentea-las á humanidade.

Os confidentes variam. Ha-os voluntarios e involuntarios. Uns que correm atraz das creaturas em busca de um segredinho, e outros que são as victimas dos apregoadores felizes e mortos por fazer-nos sabedor de qualquer facto que lhes diga respeito.

Naquelles é, muitas vezes, o interesse que os leva a perseguir-nos.

Fazem a narração das miserias que os perseguem e á familia, e terminam pedindo emprestada uma quantia maior ou menor, conforme o nosso vestuario é pobre ou de luxo.

Dous amigos, por exemplo, encontram-se por acaso na esquina de uma rua.

Admiração reciproca e abraços, que poem em risco as caixas thoraxicas, tambem amigas.

— Oh ! por aqui ! Ha bastante tempo que o não vejo. Por onde tem andado ?

— Estive ausente da côrte. Fui á Europa em commissão especial do governo.

— Divertindo-se, portanto. Está gordo !

— Tenciono voltar, se conseguir um negocio que tenho em vista. Aquella boa vida de Pariz !.

— Tens alguma empreza ? . . . é segredo ?

— E' verdade . . . mas isto que não passe d'aqui. Quero pilhar um privilegio. umas minas de ouro.

Não deseja confiar o seu segredo a mais ninguem, por isso pronuncia a palavra *ouro* com uma certa inflexão de voz que não póde deixar de ser ouvida pelos transeuntes.

E' que esta palavra produz o effeito de uma descarga electrica, quando é dita no meio da rua e em alta voz. O confidente, que fica em extremo penhorado pela confiança que nelle tem o seu amigo, sente-se, naturalmente, possuido de certo orgulho, e não podendo resistir á vontade de tornar uma terceira pessoa sabedora da sua importancia pessoal, transmite logo a novidade, até que, emfim, feita a viagem *autour du monde*, volta aos ouvidos do pseudo-empresario, que exclama, esfregando de contentamento as mãos :

— Até que, emfim, passo a ser um grande homem na opinião geral !

Seguem-se os confidentes em assumptos commerciaes e scientificos, até chegarmos áquelles que o são em assumptos de amor.

Comecemos pelos confidentes voluntarios. Ha duas épocas em que são verdadeiramente interessantes estes senhores ; mas, antes de tudo, faz-se preciso analysa-los um pouco minuciosamente.

De ordinario estas creaturas não têm nem tiveram em dia algum no rosto igual ao de um Narciso.

São feias, e depois de varias tentativas amorosas, em que os seus desejos e ambições foram frustradas, consolam-se e entregam-se á vida de *confidentes*.

Amaram tambem, mas o amor não se impõe ; por isso, apesar da sinceridade de seus affectos, tiveram de contentar-se com a *affeição toda fraternal* que lhes dispensa o objecto de seus cuidados.

Parece que esta affeição é sem limites, e tantos infelizes

caiam feridos aos pés de uma deidade, quantos se elevam á honrosa dignidade de *irmãos*. O bello sexo pende um pouco para a diplomacia, e tem invenções dignas de serem corôadas.

Os infelizes redobram as tentativas e machinações, voam, quaes Icaros, mas a belleza, esse sol que os allumia, derrete-lhes as azas, e a quéda é inevitavel.

Agarram-se ao conselho de Diderot. Escrevem acros-ticos, molhando a penna no arco-iris, empregando como areia o pó das azas das borboletas.

O amor é cego, não aprecia o valor das boas acções.

Correm os annos, fazem uma viagem até a Europa o *Pain Killer* dos namorados, e voltam com o coração renovado, *curados* e promptos para supportarem sem damno algum as mordeduras da cobra-amor.

Têm um certo valor na sociedade, que ninguem lhes pôde negar, são o *alter-ego* dos namorados, o melhor empenho para algumas pretenções.

Orgulham-se de sua posição e constituem-se advogados de causas amorosas.

Se ha rivaes que venham perturbar a paz que reina entre os dous corações que se amam, elles, que espiam como a leôa o dormir tranquillo dos filhinhos, formam o pulo, intervêm, e tratam de afugentar as aves de mau agouro, tomando com o bello sexo certas liberdades que não têm consequencias fataes.

As ruinas espalhadas pelo rosto são a garantia de segurança para os pais e namorados. Os confidentes não devem ser muito moços, porque então não passam de uns espertos que tratam de illudir o seu cliente, em proveito proprio. Elimino-os, pois, das minhas considerações. *Ite!*

O confidente por excellencia, que se dedica com furia aos nossos interesses, deve ter, pelo menos, quarenta annos de idade, época em que começa a demolir os *castellos no ar*,

a esquecer-se do sentimentalismo, e a olhar com mais seriedade para as cousas de casa e desta vida.

Gostam, porém, das intrigas amorosas, por isso buscam campo para pôr em acção os seus planos.

O coração de um confidente não é de barro ou de gelo ; é de ouro, ou é de pombo. Pulsa compassadamente sem se cansar, sabendo dar o devido apreço á existencia e seguindo á risca o — *piano, piano si va lontano*.

Igualam n'este ponto os que attingem aos quarenta e cinco, e moderam o ardor nas suas façanhas. Isto não se entende com todos. Ha moços-velhos e velhos-moços.

A primeira época em que se apresenta o confidente é antes da declaração que faz o seu cliente á moça que o enamorou. Não ha namorado que não tenha a pretensão de querer illudir os circumstantes, inclusive os pais do objecto de suas adorações.

Não passa de pretensão. As acções de um namorado não escapam a pessoa alguma, e a prova é que se o pretendente não está em boas condições, a paternidade indica-lhe corientemente a porta da casa e aconselha-o a passar o Lethes.

Aquelle que aspira a confidente, por pratica propria, conhece a estrategia do namorado e trata de não perder a occasião de o servir.

Bate-lhe no hombro, pisca-lhe o olho, cruza as mãos nas costas, sorri maliciosamente e diz baixinho :

— Você, seu Arthur. ande lá.. você é um maganão; mas a mim não me embaça, já te conheço !

— O que queres dizer com isso ? Essa agora veio a tempo.

— Ande lá.. sei como se fazem as cousas, meu caro.. é assim mesmo... andar assim !..

O namorado, que já percebeu do que se trata, sorri tambem de contentamento ao ver-se adivinhado.

— Você, diz o aspirante a confidente, está fazendo a côrte á Sinházinha, não ?

— Historias ! Que lembrança ! Sinto que hei de vir a ter-lhe muita amizade, mas não passará disso ; estou certo.

Neste momento a Sinházinha passa e deita uns olhares capazes de amollecere os mais duros corações.

— Então isso é só amizade, seu Arthur ! Boas ! Eu bem conheço.

Você gosta da menina ; confesse !

— Cale-se. Gosto e muito ; mas que não passe dentre nós. Tu, que a couheces, bem podias apresentar-me com todas as formalidades do estylo á familia, com quem preciso travar relações intimas... tenho um projecto.

— Já que o queres ! E verás como me sahirei da commissão. Quando se começar a dansar, eu te apresentarei. Tira-a para a primeira quadrilha ; eu tiro-a para a segunda. Seremos *vis-à-vis*.

Atenção ! Eil-a !

— D. Laura, V Ex. permite-me apresentar-lhe um dos meus mais intimos amigos ?

— Porque não ! penhora-me com isso. Eu já o conhecia de vista, ha mais de um mez ; porém não tive o prazer de....

— Pois chegou o momento, D. Laura, o meu amigo é o Sr. Dr. Araujo, moço de excellentes qualidades moraes, bem apessoado, como está vendo, autor de varias obras scientificas, que por modestia ainda não tem querido publicar. E' um dos ornamentos deste salão. Doutor — a Exma. Sra. D. Laura, moça de um coração de ouro, dotada de um talento artistico admiravel, toca como um Thalberg, canta como um rouxinol.

Os dous namorados trocam um aperto de mão, bem apertado. Um britannico *shake-hands* difficil de supportar. O leque e o bigode comprimentão-se tambem.

— V Ex. dá-me a honra de dansar esta quadrilha...

— Com todo o gosto, doutor ; não tenho ainda par ; com todo gosto.

— Oh! Laura, escuta!

— Dá-me licença, senhor...

E' a mãe, que vendo o fruto de suas entranhas conversar com um *estranho*, já quer saber quem elle é, d'onde veio e para onde vai.

A mocinha repete-lhe a apresentação; o rosto da matrona vai-se gradualmente animando; os olhinhos sumidos sob uma polpa de toucinho, ainda travessos, fixam-se no doutor, que é abraçado pelo confidente de modo que ella veja, depois pega-lhe nos braços, empurra-o, admira-o e termina em alta voz:

— Você é um damnado, doutor, você não é um talento, é um genio!

A mamãe vem pessoalmente trazer a sinhásinha, a alegria daquella habitação.

— Aqui a tem. Era uma palavra apenas que lhe queria dizer. Queira desculpar.

O namorado arrasta o pé. O confidente aproveita o momento para apresentar o protegido. A velha responde:

— *Faça de conta* que está em sua casa; não faça ceremonias.

O confidente que é *vis-à-vis* espreita todos os movimentos de Laura e do doutor.

Trocam-se os pares; elle aproveita a occasião para deixar escapar uma palavra que vai animar o fogo no brazeiro do namoro.

— Está a matar, D. Laura, o seu par. Nascêram um para o outro.

— Deixe-se de graças.... Quem sou eu!

— Bravos, doutor. Você está-me sahindo do serio, heim! O juiz municipal a pular no meio dos orphãos.... tem graça, doutor!

....( ao ouvido ) você agora apertou-lhe a mão com muita força.

— Não dança bem o doutor, D. Laura? não acha?

— Muito bem, Sr. Alfredo, o doutor dança como poucos.

Termina a quadrilha e o doutor oferece um copo de licor, um sorvete.

Emquanto bebem aproveito a ocasião para descrever o que observei ha poucos dias. Quando a moça com quem se dança é bonita, notei que ao terminar uma walsa ou uma quadrilha o cavalheiro oferece á moça com quem dançou algum refresco. Muitas vezes como agora, a dona da casa é quem vai ensinar ao cavalheiro onde estão os gelados. E' um passeio até á sala de jantar.

De caminho, para não perder tempo, o namorado faz a declaração. A resposta é sempre a mesma: Eu vou pensar.

Entretanto apoia-se fortemente no braço do cavalheiro, como quem diz: já pensei.

Chega o confidente, esfregando as mãos e rindo.

— Gosto de vê-los assim, D. Laura já se esqueceu que a segunda quadrilha é minha? . . .

— O' Sr. Alfredo! Sr. Alfredo! diz a mamãe correndo, toda afflicta, onde se metteu esta menina?

Vio a Laura? Ah! está com o doutor! . . . queira perdoar. Vão dansar. . . andem! Laura, ofereceste uns docinhos ao doutor? Vão, vão já deram o signal,

Na segunda quadrilha o confidente encarrega-se por sua conta e risco, de fazer nova declaração em nome de seu cliente, da qual a Sinházinha passa recibo com um encantador sorriso. Quando se acham a sós os dous amigos, a conversa toma outro character. De ordinario este *jogo de scena* é feito de modo que as Sinházinhas acompanhem os accionados, que traduzem perfeitamente as palavras.

— Vamos a saber, doutor. O namoro vai ou não progredindo? Ella dá *corda*?

— Se dá! você não vê? pelo olhar. . .

— Eu já lhe disse que você gostava della. Agora agüente-se. A' mãe, daqui o pouco, digo o mesmo ; quanto mais depressa.

— Já, não, *moderato, moderato*.

Na segunda época, que é aquella em que os namorados não carecem de terceiros, o confidente representa um papel secundario. Afasta-se está a par dos progressos amorosos, dá a sua opinião sobre versos, flôres, cabellos e retrato, que se trocam reciprocamente, e passa depois algumas horas a fazer á paternidade a apologia do pretendente.

As moças não costumam ter uma confidente, em compensação têm muitas ; e como a mulher respira pela parte superior do pulmão, tem mais facilidade em fallar depressa, e por isso deixa escapar o segredo confiado. D'ahi a pouco a visinhança sabe do segredo e do namoro.

A noticia dobra a esquina e começa a passeiar pela cidade. As confidentes não são de trinta annos. N'essa idade as attensões *para os sobrinhos* são todas poucas. As confidentes são moças, bem moças, e n'isto está o perigo.

Os namorados tambem duplicam, ás vezes, o numero e fazem da mãe da sinhazinha confidente. A estrategia então é outra. E' preciso captivar este coração, que de ordinario é carrancudo. não é para graças. O namorado é todo attensões para com a futura sogra.

Se ella anda, o braço é-lhe logo offerecido para se amparar a elle. Se espirra vem logo o *dominus tecum* fazer ver que está a par dos usos e dos tempos.

A preciosa saúde das mães nunca achou pessoa mais solícita em saber do seu estado ; por isso se um leve defluxo enrouqueceu a larynge da mãe da sinházinha, elle toma a liberdade de todas as tardes vir informar-se do mal que tanto faz chorar o orgão olfactivo de sua futura sogra. Muitas mães não descobrem n'isso mais do que uma prova defina educação ; ha, porém, outras mais espertas, que, se

se deixam animar, é porque os mimos não fazem mal, nem tão pouco um genro valioso em perspectiva.

Não tenho ainda a ventura de pertencer ao numero dos homens sérios, vulgo — casados ; estou em disponibilidade activa e não sou *vieux-garçon*. Não tomem esta confissão por um annuncio.

Queria comtudo — entre parenthesis — que me explicassem porque festejam as mãis quando solteiros e mal-dizem d'ellas quando casados ! E' para mim um enigma !

O aspirante ao matrimonio, dotado de um character elegiaco, dispensa os confidentes homens, procura-os no sexo amavel ; expande o sentimento, ensopa dous ou tres lenços com lagrimas e espalha todas as flores de rethorica sobre o collo de sua bondosa confidente. Se a infelicidade ainda o persegue, narra-lhe o seu passado, o *caiporismo* do presente e mostra-lhe as trevas que o vão sepultar no futuro.

A confidente, sensivel seis vezes por minuto, opprime as glandulas lacrimaes, que estam sempre com boa provisão. Corre uma lagrima, que o namorado baptisa de perola celeste ; o nariz é uma romã já bem madura e o rosto toma esse ar de santidade, que sempre adopta em identicas circumstancias quem sabe fingir bem.

— V. Ex. não calcula as dôres que tem torturado o meu coração ! Ainda hontem cheio de vida, pulsando alegremente ; hoje morto, reduzido a um punhado de cinzas, que restarão do incendio que me abrazou o peito ! *Ser ou não ser . .*

O futuro é risonho ! animo !

Depois d'esta declaração, em *zig-zag*, torna-se evidente o fim a que se propunha a confidencia ; a mamãi fica sabendo que não é só confidente, é tambem ambicionada sogra.

Ha outra classe de confidentes, são os irmãos. Estes, porém, só têm essa honra quando a irmã está presente. O coração deste é guerreiro, fará do seu proprietario um

general capaz de fazer esquecer os heróes da antiguidade.

— O Lopez ! O Lopez !\* escapou-me por um triz, mas a bala levou-lhe a barretina, olé . . . .

— E tu sempre feliz nunca morreste ! E's um leão !

— Ferido ! Dez balas tenho no corpo e augmentam-me dezesseis kilos no peso. No Humaitá fui eu quem arvorou a bandeira brasileira ! Eu era o anjo das batalhas com o sorriso nos labios.

A scena é pathetica, e durante a narração a bocca é uma bateria a lançar pelouros sobre o rosto da irmã, tambem Sinhá.

Esta ao ouvir a descripção guerreira aproxima-se qual Desdemona attrahida pela linguagem de Othelo, enamora-se do novo mouro Veneza.

Estes confidentes são os de infima classe, chamão-se *páos de cabelleira* ; e fazem o papel de reposteiros, atraz dos quaes escutam os servos as confidencias.

O confidente do marido parece que devêra ser a mulher e vice-versa, mas está fóra da moda ; cada um procura o seu. Eu nunca os tive que prestassem ; hei de escolhellos no bello sexo.

Nesse circulo de attracções sensiveis aspiram-se os aro-mas espalhados pela popeline e pela seda, mil vezes superiores ao dos charutos e cigarros. Como recompensa pelo trabalho, as leitoras ficão sendo as minhas estrellas confidentes.

Serão muitas ? Tanto melhor — *il mio cor ferito è già !*





## USOS E MODAS.



S poucos annos de vida, leitora, e como querem alguns, de experiencia que tenho, poderiam motivar a retirada de um pequenino conselho que lhe desejo dar. No século XIX, porém, as cousas tomáram tal pé que já ninguem quer saber se o que reveste um craneo é uma cabelleira branca, vermelha ou preta.

E nisto está um progresso. O que a presente geração quer saber é o que tem uma cabeça na sua concavidade. Miolos, dir-me-hão muitos. Evidentemente. O que resta é conhecer se ha na realidade uma disposição connexa nesses leitos da idéa.

Desculpadas e advogadas a falta de experiencia de que disponho, e, por felicidade minha, a falta de maior numero de annos, requeiro a benevolencia da minha leitora.

Eis-me humildinho, um *escravo*, como diz o lyrismo, aos pés de um cherubim.

Os cherubins da terra têm os defeitos muitas vezes dos Lucifers do outro mundo. Rapaz de bons costumes, de um coração naturalmente sensível — o que pasma o seculo presente — quero dizer á minha leitora uns segredinhos. Eu me explico.

Os fogos de S. João e S. Pedro já passáram e queimam muitas regiões, um tanto melindrosas da humanidade.

A pyrotechnia acclama os dois velhos, incensa os bairros e dispõe-se a torrar os amadores.

Não quero, por sombra alguma, influir na boa disposição em que se acha a leitora de manipular as serpentes de Pharaó. O inconveniente que acho nestes brinquedos é o mesmo de que me fazia fugir a minha avó, quando menino.

Criança a brincar com fogo não significa apenas a possibilidade de um desastre. A pyrotechnia já o previo ; e, hoje em dia, os fogos do celeste imperio, feitos nesta outra Clina, são luzes de Sant'Elmo.

O perigo está todo no desagrado, na má opinião que de nós possam fazer as criadas e lavadeiras.

Na minha opinião acho inconvenientissimo, muito mais para os adultos o brincar com os fogos, do que para as crianças.

As nossas avós já nos fizeram ver o perigo de um tal divertimento na nossa infancia. Se continuamos com as mesmas brincadeiras augmentam os abusos na proporção da idade, e é justo confessar que é por demais feio recorrerem as mãis ao prestigio do chinello e da palmada para reprimir desvarios de certa ordem aos 17 annos.

Os homens têm o grande defeito de não encararem os factos com a attenção que merecem.

Ha pontos que são verdadeiramente do dominio philosophico.

O phenomeno physiologico, effeito de uma serpente de

Pharaó, devia merecer dos sabios a mesma attenção que ainda, ha pouco, prestou um homem illustre para descobrir o lugar por onde suava o gato.

Postas as cousas no seu pé de interesse para o bem estar da humanidade, sou capaz de affiançar que o caso do gato, não carecia do estudo que merece o caso do homem.

Ainda assim, noto neste acto uma certa abnegação que reverte em beneficio da arte. O homem que não conta com o perigo e despreza-o atirando-se ao centro de uma fogueira, distribuindo bombas e busca-pés para cada lado, é um ente que protege o fogueteiro, incorrendo muito embora no desagrado da lavadeira.

Por aqui poderá a leitora calcular da bondade do nosso coração, que arrosta a inimizade do fogueteiro em beneficio do proximo.

E' que eu me lembro do nervoso que de mim se apodera quando me narram certos factos e perigos de brincar com fogo.

Regosijo-me, e tanto mais que o faço sem pertencer a associação alguma protectora de animaes (racionaes, bem entendido).

A leitora a tirar *sortes*, é mais feliz, sem duvida ; consulta o futuro sobre um milhão de cousas.

Começa com a infallivel operação do ovo lançado em um copo de agua. No dia seguinte o S. João envia-lhe a revelação do segredo nas *azas* do nevoeiro.

Para se ler o fado atravez do liquido onde nadam as claras de ovo é necessario ter a pratica e a sciencia transmittidas de uma sincera amiga, que, de ordinario, é a filha do visinho.

E' uma regra geral : as moças não se dão ao incommodo dos grandes passeios para procurarem amigas e namorados Tudo reside no quarteirão, na visinhança, de modo que

têm toda a vantagem de ver de uma vez a amiga. os namorados, seu e da vizinha.

O *navio* é de ordinario a figura que sahe representada na sorte do copo d'agua. Muitas vezes, a menina decifra o desenho a seu modo e vontade. Depende do character e da altura que marca o thermometro da poesia.

Os rapazes são presenteados com os vasos de guerra, e são tantos que a cumprir-se o fado seria, na verdade esta a primeira das nações poderosas no alto mar.

Para mim a leitora é uma menina poetica, (admittida a hypothese de que é moça), consultou o destino. No dia seguinte é preciso decifrar o enigma. Francamente — V. Ex. entende tanto como eu, mas o espirito adeja por mundos desconhecidos, começa a gostar das poesias que só fallam no *infinito*, no *ciciar da brisa*, o que a obriga a declarar que a sorte lhe foi propicia.

São duas mãos enlaçadas e mais ao longe uma cara que parece ser a de um padre. *Ergo* — casamento. Os ignorantes, como eu, podem manipular um microscopio, que nada descobrem. Ali é que está o segredo do officio, sem duvida.

Supponhamos agora que quem me lê é uma desilludida, não cré nos homens, passeia na solidão e toca o *ultimo pensamento* de Weber.

Não cré em *cousa alguma*, mas para fazer a vontade ás amigas, para não se fazer de rogada, quebra um ovo, deita a clara dentro de um copo d'agua, expõe a mistura ao sereno e de manhã vai lêr a carta que lhe manda o fado. Hesitações. Ha sérias difficuldades, porque não *deitaram* bem a sorte. O copo passa de mão em mão, de modo que, quando volta ás mãos da consultante, tem esta a satisfação de declarar que, o que ella vê é *simplesmente* uma sepultura. As companheiras confirmam a descoberta. Começam os suspiros da infeliz, no dia seguinte o quarteirão fica

sabendo que a menina X. está para morrer, não obstante morder soffrivelmente no *roast-beef* do jantar.

De todas as *sortes* as mais desfavoraveis ás senhoras matronas são as dos livros. Eu mesmo dava de conselho que deixassem estes brinquedos para os moços.

Acontece muitas vezes que, por effeito do *espiritismo* apresenta-se um espirito gaiato e tira uma sorte que ridicularisa a gravidade de uma senhora, que está hobreando com as filhas, a querer, por força, saber *qual será o seu estado, se logrará quem pretende, que novas terá de quem ama ausente.*

A antipathia das mãis é cousa implacavel e desde já contamos com ella ; a nossa franqueza, porém, é que nos obriga a fallar áquellas que se esquecem de que são mãis para pensar que ainda são filhas.

Querer-nos-hão mal ? paciencia ; resta-nos a consolação de lhes dar gratuito este aviso de amigo. Serão cousas de pouca monta, relevem-nos, porém, a sinceridade das nossas opiniões. Para nós, uma senhora caminha, vai colhendo e enfeitando-se com as flôres que vai deparando á beira da estrada da vida. Passam os annos e chega a um campo perfeitamente esteril ; é a época das reminiscencias. Começa a viver das recordações do passado. Essas lembranças, transmittidas ás filhas devem ser o livro pratico da moral, ensinada ás que começam a percorrer o mesmo caminho florido.

A senhora nesta idade reveste-se do respeito que lhe assenta melhor do que a flôr da laranjeira ; é toda ella exemplos de virtudes, abnegação de mãe e protecção de esposa.

E' por isso que ( confessemos com franqueza ) nos causa bem gostozas gargalhadas ver todos estes deveres transformados em garridice, ouvir suspirar a *dolce Aida* ao som do piano e vêr exhibir a pirueta nos salões e nos braços de um rotundo conselheiro, ou de um *dandy* que deseja o dote,

e por decencia a filha. Parece-nos mais natural que nas salas façam as mães o mesmo que na rua : as filhas caminham adiante, as mães as acompanham. E' natural— a primavera precede fatalmente o inverno.

E isto não se refere sómente ás senhoras.

E' muito divertido vêr que, independente da idade, existe a alegria. As seriedades premeditadas não nos merecem sympathias.

Mas antes isso do que assistir ás evoluções acrobaticas de certos senhores que se agarram á primeira victima de 16 annos e valsam e polkam e galopam uma noite, infatigavelmente ( dizem elles ) e que depois da meia noite, fazem-nos lembrar aquelle lord, em que fallou Swift, que cahio em uma enorme pipa de cerveja. Divertiram-se — ainda repetem — e no entanto era menor o perigo se apenas brincassem com fogos de S. João.

E' um facto notavel : todos os grandes valsistas de 50 annos são entes a quem a natureza não negou os effeitos beneficos da seiva do toucinho. Analysada a causa, talvez, seja ella attribuida á boa vontade de emmagrecerem, de modo que, deixando ás moças a liberdade do vinagre que repugna ás naturezas acostumadas aos salgados-gordurosos, atiram-se aos supplicios das valsas allemães. Estes senhores não têm o sentimento, nem a menor idéa do amor do proximo. As suas victimas são as magras de 16 annos, e isto como o acrobata que apenas se serve da maroma para equilibrar o peso. Querem vêl-os recuar e desistir do intento ? é dar-lhe um par adequado e proporcional. Este é o meio unico de os curar dos dous males : o serem obesos e sacrificarem a juventude.

Fundada no bom-senso é que reina toda a placidez nos bailes do Cassino. Não se dirá que aquillo é dansa. E' mais uma galeria de *toilettes* primorosas que passeiam para serem arejadas, depois do recolhimento injusto de quasi um anno. Tiveram a ventura de um anno de calor ! Demais, tudo

está conforme as nossas opiniões. Os moços valsam rapidamente ; as pessoas de gravidades, physica e moral, seguem as vozes da prudencia, a melhor das conselheiras conhecidas, apesar de nunca terem assumido o cargo de ministro de Estado.

A valsa para os moços compõe-se de mil compassos, para os conselheiros tem dous ; do que resulta, matematicamente, a valsa a *quatro tempos*.

A' medida que caminham as artes e a industria, caminham as modas para um fim fatal á humanidade.

A seda e o algodão são os dous problemas de que se occupa o cerebro do mundo, Pariz.

Ao que parece, ha lucta entre a seda e o algodão. Leva a primeira toda a vantagem ao segundo na época actual. Até então dominava o producto da nossa agricultura, e a despeito de todas as censuras não somos nós os unicos culpados desta decadencia. Não senhores.

O algodão, quando a rotundidade foi o *quid* ambicionado do bello sexo, teve, naturalmente, uma alta. Os palcos eram as grandes *vitrines*, onde se exhibiam as diversas qualidades do algodão — *good, first, ordinary, etc.*

Ora, o progresso da moda actual tende a exaltar a magresa. O agente já não é mais o nosso patricio, mas sim a baba dos bichos da seda que, além de attestar a possibilidade de sermos um dia um esqueleto, tem a vantagem de ser mais ou menos transparente, o que entra, em parte, nos calculos das seitas socialistas.

As modas, no tempo dos memoraveis *balões*, de ha vinte annos passados, para cumprirem a sua missão — enganar os homens — pretendiam capacitar o sexo feio de que a mulher era naturalmente gorda, e para isso vestiam-a da barreira de um vestido, sete saias e um balão couraçado.

N'esse tempo, muitos foguetes em festa da Gloria e S. João, batiam inoffensivamente na couraç ; as *gondolas* deveriam ser verdadeiras arcas de Noé. A mulher, n'esse

tempo, era um *mysterio*. Um homem fallava com uma senhora, e só poderia dar a sua opinião sobre o rosto, os bonitos dentes, os mais bonitos olhos, os invejáveis cabellos e os torneados braços, e isto mesmo nem todos. A mulher era um enigma, representado pelo balão.

O *conceito* era o rosto, e tão sómente.

Passam os annos e começa a moda a exigir que diminua-se o frontal do balão. Diminui-o de um modo assombroso, a ponto de ameaçar as pernas e de ficarem resolvidos muitos enigmas. Neste interim (estyllo da época), os chapéus passavam do funil á conformação de casco de ostra, gamella e tyrolez.

O penteado esperava, a todo o momento, estender-se de modo a fingir o balão que morria.

A' medida que diminuiam os apparatus fronteiros de um vestido, os *puffs* acastellavam-se nas costas da mocidade feminil e nas convexidades lombares das matronas quinquagenarias.

O chapéu já era o vertice da pyramide formada pelo penteado.

Algumas moças, decotavam-se exageradamente para os bailes, patenteavam a felicidade dos roliços braços com os *contos* metallicos e silenciosos que lhes adornavam as carnes, e *afogavam-se* para os infelizes que não tinham a ventura de ser socios do Cassino.

Pariz, que tem a maior das thesouras, que são a moda e as modistas, desatou os laços dos *puffs*, que rolaram pelo chão, aprumando deste lado os vestidos da época.

Determinados os limites, a moda invade de um e outro lado o physico. De dia para dia a exageração é tal que nos obriga a pensar que, a menos que não diminuam o numero das saias, então são ellas da natureza do papel paquete. Já não existem mais enygmas. Propól-os é irrisorio. O *mysterio*, que tão espirituosamente diz Alphonse KARR, está nas vestes longas, exceptuados os sacerdotes, que são

nossos semelhantes, não existe mais. Nós, homens, e sobretudo os poetas, devíamos ignorar que uma donzella tem pernas como nós.

A poesia decahe. Vive de illusões, carece d'esses mysterios que são a fonte onde bebem os poetas a inspição.

N'este tempo, e talvez para não diminuir a altura, decrescia a pyramide do penteado e levantava-se o patibulo dos *saltos* a Luiz XV pobre monarcha, que mal sabia que era nisto que lhe deviam gravar o nome do glorioso avô e santo.

Um amigo meu, certo dia em que passeavamos pela rua do Ouvidor, teve a indiscrição de perguntar a uma senhora qual era a utilidade de certo petrecho de algodão e varas de aço que balouçava-se galhardamente á porta de um armarinho, semelhante a uma mochila de soldado.

A senhora não respondeu e corou.

Ou não sabe, diz o amigo, ou aquillo é um elemento damnificador.

Perguntamos ao caixeiro. Este não só respondeu á nossa curiosidade como explicou praticamente a utilidade do accessorio dos antigos *puffs*, experimentando-o no meu amigo. Era uma *anquinha*.

Notei que o rapaz tinha ficado triste. Havia bons cinco minutos que não trocavamos palavras.

Indaguei qual a causa d'essa tristeza subita. Eis o que me respondeu elle francamente : Imagina que estou para me casar.

Minha noiva usa tranças postiças, sem fallar na côr dos cabellos que de cinco em cinco dias, quando vou lá, é mais loira, do que nos intermediarios em que não vou, e em que só por um acaso appareço. Os olhos, esses são pretos, demasiadamente pretos, o que me parece extraordinario. As moças loiras têm os olhos azues, castanhos claros ou em ultimo lugar verdes.

Ora, não creio que se tenha inventado nenhuma agua para tingir os olhos, portanto, a menos que não seja um phenomeno — os cabellos eram pretos ou castanhos.

Os labios antes do chá são um verdadeiro carmim, depois não é mais do que um esbatido. Isto me entristece, e lembro-me que é bem possivel que essas tintas misturadas com a manteiga e o assucar a envenenem pouco a pouco, se já não são causa de umas colicas em que ella nunca me fallou, mas que o medico me revelou.

Além disso a minha noiva tem sete dentes postiços. O chumbo e os dentes ( que sabe Deus de quem foram e por onde andaram ) influem o seu bocado para prejudicar a natureza debil dessa creatura que, mulher, é mais ou menos fraca. As fórmas do corpo variam. Uns dias mais gorda, outros mais magra. Quero crér que é do talho dos vestidos; não sei.

O que, porém, me entristece é se depois de todos estes postiços ella usa tambem este que vimos. Santo Deus! Quando me lembro que tenho umas tranças de cabello e que bem podem ser do postiço!

Quando me lembro que ella me escreveu uma declaração de amor com o seu *proprio sangue*, e que bem pôde ser carmim! Quando me lembro que ella diz que tem coração e que bem pôde te-lo postiço! Quando me lembro que todos estes fios que se mandam para os campos da batalha são desfiados destes apparatus da garridice, então. acho possivel que as modas envenenem os sentimentos e sejam falsas como os vates do *lyrismo*, que fallam em tisticas e sepulturas, e andam passeando a dyspepsia, effeito do entu. lho gorduroso das viandas appetitosas, quaes frades licenciados.

Esta parece-nos ser a tendencia das modas, quanto ás senhoras. Quanto aos homens é o inverso. O algodão tem grande extracção, e conta nelles o unico amparo. A mulher

torna-se excentrica, o homem faz-se ridiculo, com um cano de *steamer* na cabeça e uma calça *pé de elephante* a varrer todas as ruas.

E' natural, pelo modo como progridem os paletós que usemos tambem de caudas.





## NA RODA ELEGANTE?

---



roda elegante revolucionou-se com as paginas antecedentes ?

E' natural. As modas, embora as mais excentricas e ridiculas, têm para certos espiritos attracções de que não podem fugir.

Vestir-se á moda, rigorosamente á moda, é para muitas senhoras caso grave, tão importante como para um ministro um golpe de Estado ou uma emissão de *photographias* de seu augusto amo.

A minha inexperiencia havia, indubitavelmente, de me levar por caminhos tortuosos.

O que eu pensava é que a roda elegante era a imitação dos nossos amigos parizienses.

As tentativas já eram consecutivas de algum tempo a esta parte.

Os bailes ensaiados nos salões do Cassino patenteavam todas as tendencias de que nós, os mais acclamados burgoezes, queriamos imitar o aristocrata.

A' parte a minha imprudencia, sinceramente o digo, já conto com a dentadilha vibrada pela armadura-perola de 32 agulhas, escondida nesse precioso cofre de palavras amorosas, de sorrisos e de um *paladium* cujas funcções, de dia a dia, diminuem pelas abusadas e constantes abluções das aguas do Dr. Pierre.

Comtudo, relativamente á minha culpa, será ainda maior a falta de modestia de alguns habitantes do mundo da pellica e opoponax.

Aponto os males que resultarão, se algum dia, (note-se) vierem as nossas irmãs e filhas a usar desses *transparentes* das luvas da Suecia ( lêa-se vestidos ). O bando aligero das revoltosas, acompanhado por outro de adoradores desafina e entoa o *allons enfants de la patrie*, reino todo subllunar cujo governo está nas mãos da primeira costureira a quem a natureza dotou com um *tour de main* especial.

Ora, é evidente que desde que se aponta um facto prejudicial, ninguém nem mesmo o mais criminoso, se deve apresentar a achar extemporaneos os meus conselhos.

Combatêl-os é, de duas uma, ou vangloriar-se do mal de que usa e abusa, ou achar na realidade não um mal, e sim um bem, a exageração das modas, sejam quaes forem.

O despeito das elegantes que maldisserem da minha penna é a evidencia de que, de boa vontade, trocam a modestia do arranjo domestico pela fama gloriosa de andarem no rigor da moda.

Quizera eu antes que tal satisfação coubesse a mais revolucionada esphera de gente. Engano-me. Acarretarei a inimidade de muitos cherubins terrenos — o que não me impede, comtudo de fazer como os bons mestres que continuam a despeito da vozeria dos pequenos a ensinar-lhes as regras do bem viver.

A causa, porém, de tantos arrufos na roda elegante será unicamente um orgulho, todo elle erroneo, de quererem os habitantes passar por membros de uma academia de modas, como qualquer escriptor por membro da academia franceza.

\* \* \*

E' um triste aspecto esse que antevejo de perder a frequencia de leitoras, tão indispensaveis á gloria de um homem que aspira a passar por homem de talento, como o talento é indispensavel áquelles que se elevam, independentemente dos aranzeis e *puffs* encommendados. E' que, muitas vezes, a gloria de um homem passa por uma transformação, á qual precede o phenomeno muito semelhante ao de um chôco de aves.

A gloria está a desprender-se dos labyrinthos dos *fichus* e dos *plissés* como a borboleta da *crysalida*. Era realmente encantador o quadro que deparassemos, vendo a gentileza da leitora curvada sobre as oito columnas de um folhetim, passeando os *fulgurantes* raios de um olhar seraphico por sobre as linhas, que ás vezes facil, mas outras, difficilmente se traça sobre o papel.

(A leitora e os modernos *estylistas* desculpem-me a fórma antiga de usar os adverbios ; é ainda uma *antipathia* ás innovações que não vêm precedidas de explicação). A presença de um ser, todo elle mimo, a roubar aos cuidados da casa e do vestido um quarto de hora para a lei-

tura de um folhetim, seria para mim quasi um achado, que ha muito, procuro com insistencia—a musa.

Isto, embora fosse um pouco perigoso para o amor proprio, talvez me fizesse igual a muitos escriptores que declaram que nada do que se escreve presta a não serem os seus trabalhos.

Lembrar-se a gente de que depois de duas horas de uma minuciosa *toilette* vão as mil particulas da *veloutine avelludar* o titulo do meu trabalho acompanhadas de uns atomos da *frangipane*, quando ás vezes o escrevemos entre uma visinhança toda ella suina, é imaginar por um momento que um sonho nos transporta da terra a um mundo melhor.

A minha leitora não tem nada de uma pseudo-aristocrata. Não calça logo ao romper do dia os tacões a Luiz XV, nem canta em falsete as *Stellas confidentes* (o plural é portuguez) para grangear enlevos do namorado.

Moça solteira, é toda ella simplicidade. Os Lubins não têm que abrir conta para as centenas de frascos que pejam os gavetões, á guiza de rapaz estroina a medicamentar-se em vesperas de casamento.

Aqui—são os depurativos a fazerem misteres de alambique, a purificarem e a vasculharem a economia do *livre pensador*; alli são as orizalinas a transformarem o que é puro, são e verdadeiro em falso e riculo. A leitora tem apenas a sua *lavande* que levemente lhe perfuma as tranças. E' um aroma tão suave o que de si exhala, que os circumstantes gozam-o com prazer e desejariam perguntar-lhe o nome, se um receio não parecesse preveni-los de que é um perfume natural.

E' um pouco idealista, mas não é reprovavel. Um quarto de uma creatura, assim é um centro de paz e attractivo, e não um laboratorio de perfumes, exhalando os *aromas* acres e repulsivos das *pharmacias allopathas*.

Desde a hortelã até o alho a sciencia dos Lubins ataca o melindre da pituitaria. A *elegante* expõe-se a uma fumi-gação de *frangipane*, como um phothographo expõe o papel albuminado á fumigação do ammoniaco.

Casada e quarentona—a leitora não tem por horizonte mais do que o que a realidade lhe patenteou quando ainda donzella se aproximou do ádito de uma nova vida.

Se uma vez ou outra se alarga o horizonte a um theatro ou a um armarinho dos Barbosa e Godinho, é que as fraldas do pequenino estam-se rendilhando á força das caricias da lavadeira. Os coeiros do futuro esteio da familia são desveladamente dobrados e brancos.

Dir-se-hia, de tão alvos que são, que parecem as azas de um pequeno cysne que já quer voar.

Leitoras assim não se fazem minhas inimigas ; pelo contrario, se me conhecessem erão capazes de me abraçarem, sem malicia e garantidas pelos oito lustres que lhes illuminam de experiencia a vida.

Aposto que me eram capazes de suppôr com um tal ou qual aspecto sacerdotal, mettido a coordenar e archivar idéas patriarchaes, gordo, de nariz bem robicundo e a ostentar por sobre as palpebras o melhor *échantillon* do salame e por sob o queixo a sacóla dos residuos alimenticios e beneficentes que as mandibulas purificaram.

A severidade do juizo da minha amiga engana-se, póde crêr.

Rio-me com facilidade porque a ninguem quero mal nem sei o que se diz de mim.

O meu horizonte não passa das bordas de um prato de ostras com a semi-esphera de um limão, no presente ; e no futuro estender-se-ha até uma cadeira no senado, no maximo da minha ambição. Não querendo, porém, constranger os protectores, aceitarei uma commissão na Europa, attenta a minha antipathia ás *honras* e baronatos.

E não pense a leitora que é uma questão de pouca monta essa de ter por horizonte as bordas de um prato.

Alli, n'aquelle elemento que rovela o gráo do progresso, resolvem-se todos os problemas da biologia.

Os puristas, se encontrarem difficuldade na palavra, podem substitui-la pelas *questões* da biologia. E' bom fugir da sabedoria e da implacabilidade dos Aristarchos.

\* \* \*

Na roda elegante ha dous crimes, causas da decadencia da presente geração : descrê-se e come-se mal.

Não é raro encontrar, quer na rua, quer nos salões, velhos a maldizerem da indolencia da nossa mocidade que por nada se enthusiasma, a não ser por desvarios e por uma gloria fatua e falsa. A aristocracia da belleza femil passe embora, ostentando as galas com que a dotou a natureza, o moço, firme nas suas modernas idéas, digamos, socialistas, vira-lhe as costas.

A presente geração parece vêr em tudo a sombra do idealismo.

Não se importa do que passa. Para crêr não basta como S. Thomé recorrer ao primeiro dos sentidos do homem, quer inverter-lhes a ordem, que neste caso significa verificar, analysar se é o algodão ou a sêda que domina aquelles corpos de fada.

Por outro lado tambem a cohorte da gentileza, a manobrar com o corpo para salvar dos pés dos homens as caudas dos vestidos, não tem tempo para se occupar de outra cousa.

Se um *dandy* habilidoso consegue despertar mais a attenção de uma elegante, póde elle ficar crente de que ella lhe concederá em tres olhares um só, talvez ; os dous

outros, pertencem aos desvelos pela salvação do seu vestido.

Ha uma descrença inexplicavel nos dous campos.

Estudam as causas desta decadencia e não atinam com ellas. Explica-se : é que a não buscam onde era provavel, senão certo encontra-la : — no prato.

Na roda elegante ha uma falta que occasiona o rebaiamento dos costumes, o azedume do character e o rachitismo da especie.

Come-se mal. Dizem elles que come-se bem. Eis todo o erro. Ha uma insalubridade em todo esse regimen alimenticio. Predominam as empadinhas, as *mayonaises*, os *boudins* e mil outros accessorios da degradação.

Esses amontoados de pastas hão de necessariamente encourçar o estomago. Solidificam-se no interior deste, do que resulta um verdadeiro poço.

O orgão está prompto a receber o Madeira, o Porto e o Malvazia. Abysma-se por alli o alimento liquido; o solido atravessa-se na parte superior para servir de filtrador dos vinhos e das cervejas. Come-se bem porque as azas de um frango ( que tambem podiam por um gallo ser appellidadas azas de um anjo ) enfeitadas e perfumadas ornam a mesa do banquete. Não se lembram, porém, que todos os principios nutritivos ficáram a engordar os *cooks* na cozinha.

O homem come infatigavelmente. As sensações do *pala-dium* despertam no organismo delirios. Absorve uma creatura quantidades exorbitantes e muito acima do que póde comportar o porão do estomago.

E' um vicio ? Castigam-se por prazer com a dyspepsia ? Não sei. O facto é que o character pesa como pesa o fardo que absorveu o estomago.

Se o vicio é exigente, ha meios que os grandes comiões ensinam uns aos outros para, sem prejuizo maior,

poder, sentando-se á mesa ás duas horas, só sahir 24 horas depois.

\* \* \*

E' evidente que a natureza, debil e delicada das elegantes na apparencia, conforma-se com um regimen de tal ordem. Mais tarde, porém, vêm o soffrimento e o máo humor.

Sim, senhores, eu tenho, cá para mim, que o bom ou máo humor é a consequencia da regular ou irregular funcção do estomago.

Se não, raciocinemos : Hontem sahistes em companhia de vossa familia da bella residencia do marquez de X. . . Reinou alli o maior prazer. Dansou-se, cantou-se e para cumulo de tudo fizeram-se declarações de amor.

Trocaram-se mentiras mutuamente, e cada um voltou para casa convencido de que se divertio immensamente (é o termo) e que enganou meia duzia de pretenciosos adoradores que, de pastinhas na cabeça e no chapéo, vão por sua vez dilatár os dominios das suas conquistas.

Ninguem se lembra que servio de pasto á maledicencia. Todos se divertiram. A marqueza é uma creatura *divina*, adoravel, o exemplo vivo d'aquelles antigos vultos que appareciam nos salões dos grandes personagens.

Ha meia hora que chegastes, o relógio bateu as duas da madrugada e ainda vos rides.

No dia seguinte começais por estar com o genio concentrado (é o termo ainda), o que significa que não desejais fallar com pessoa alguma.

D'ahi a minutos a criada passou por vossa frente : eclypsou o sol que vos aquecia ; acabais pela revolução.

Ora, diga-me a minha adorada leitora, qual a causa de

tanta impertinencia? Dormio pouco? levantando-se ás quatro, ás horas do jantar? Está cansada? Não sabe explicar.

Pois a causa da *concentração* do genio não é mais que a *mayonnaise* de que imprudentemente abusou na casa da marquezia.

O' idealismo! mal sabes tu que, quando o coração poetisa e chora, o estomago exerce as funcções de um realismo pratico. O bom humor depende da *sympathia* entre a bocca e o estomago, como a felicidade conjugal da harmonia dos conjuges.

O que me parece digno de reparo é que esses senhores que levam dia e noite a bradar contra a nossa fraqueza não se lembram de que são elles os culpados. São a geração dos pais; consentem e causam o definhamento dos filhos.

*No meu tempo*, dizem, passavamos tres, quatro e oito noites em claro, dansando, comendo e bebendo.

Em tudo isto póde haver possibilidade de facto; o que é condemnavel é que, com toda a apregoada experiencia, se não lembrem de que com as noites em claro, dansando, comendo e bebendo, prejudicam a saude, e que, quando se casão e têm filhos, são estes que soffrem as consequencias das dansas, das comidas e bebidas que regaláram a paternidade. Elles que condemnam o nosso rachitismo não vêm que a elles o devemos e que ao passo que levavão *no seu tempo*, a vida a redeas soltas, os nossos avós deitavam-se ás dez horas para se levantarem ás cinco.

A carne era a alegria do estomago. As mãis tinham ainda o leite necessario para amamentar os filhos, e as alfandegas não despachavam a cal moída com o nome de farinha. Os nossos avós se passavam o dia em claro e dormiam á noite, se os filhos passaram tres e quatro noites em claro, dormindo o dia inteiro, é natural que por uma lei de progresso e máo exemplo, e ouvindo apregoar fa-

çanhas, queiramos levar a nossa ávante e passar noite e dia de olhos abertos.

A nossa gloria culinaria não ia além do *vatapá*, silicio do estomago a que cada um se sujeitava em datas memoraveis da patria ou da familia.

Os parentes, em signal de regosijo, queimavam o céu da boca com o mesmo sangue frio e resignação com que hoje castigam-se afogando-se no Porto e na cerveja, e cahindo para debaixo da mesa, á ingleza.

Submetto ao juizo critico da minha leitora estas linhas.

A's elegantes que, sem razão, se zangarem com a minha apreciação, direi mais uma vez que a felicidade está, não na alegria de possuir muitos vestidos da moda, e sim na de ser um dia esposa digna e mãe exemplar.

*A experiencia o dirá.*

Se V. Ex., porém, não cré em amores, então dir-lhe-hei que a felicidade está entre um bom estomago e um bom bife, ou, ainda melhor, em um bom bife dentro de um bom estomago.

Quanto ao mais, seremos amigos como d'antes.



## MAIS VALE UM TOMA.

---



RA tudo alegria em casa do commendador Carmo; festejava-se o quinquagesimo anniversario do *illustre* millionario. Como sempre, caprichou o ricaço em prodigalisar aos convidados deste anno todos os encantos possiveis.

A cerveja era o baluarte maior. Apinhavam-se as garrafas na sala de jantar; e naquelle exercito reinava o cosmopolitismo. A Christiania dava o braço á de marca barbante, e o Forster á Gloria ou á Guarda-Velha. Os generaes passavam revista aos batalhões, e de vez em quando experimentavam a força explosiva da artilheria.

O commendador não parava. A festa fazia-a elle, era preciso animar aquella gente.

As proporções corporeas do amphitrião eram desmen-

tidas por uma certa agilidade, que até então, não lhe conheciam muitos amigos.

Fallando com sinceridade, o commendador para assistir á entrada de seus convidados, para animar a roda dos valsistas, e para exaltar a dos bebedores, nem andava, nem corria, rolava.

Não estranhe o leitor o dar a este heróe semelhantes proporções. E' que a minha razão não comprehende, nem póde abstrahir de certa gravidade competente aos aos titulos, nem póde ser injusta, desmentindo a co-relação que deve existir entre o condecorado e a condecoração.

Aquella roseta que se ostenta orgulhosa na casa do paletó tem a configuração de um circulo, representa uma personalidade.

Em qualquer circumstancia da vida humana, quando uma enxaqueca, por exemplo, ataque o individuo, é sufficiente enviar o *botãozinho* ás assembléas, ás secretarias e elle mesmo assignar ponto. E' o que fazem muitos conhecidos. Carmo era casado; casado de fresco e em segundas nupcias com uma interessante moça. Com este passo decido o commendador da sua fortuna em favor da mulher e de um filho do primeiro matrimonio.

Eduardo era o nome do rapaz cuja idade orçava pela mesma da sua elegante madrastra. Se não fosse o traquejo que tinha adquirido o bom do Carmo na sociedade, não lhe seria possivel n'aquella noite apparentar alegria e satisfação. O commendador tinha larga vontade de chorar, o peito arquejava-lhe fortemente, e por vezes o olhar fitava-se abstrahido em um ponto do salão. Valia-lhe o menor ruido que o chamava á realidade e á festa.

Na verdade, o pobre homem naquelle mesmo dia acabava de soffrer um dos maiores desgostos que podem ferir o coração de um pai: fugira-lhe o filho.

Se se perguntasse o motivo, talvez uma unica pessoa poderia responder satisfactoriamente, era a madastra.

Os convidados ou antes as convidadas começavam a reparar na ausencia de Eduardo. Não apparecia o rapaz, e aquillo impressionava-as. Eduardo n'uma roda de moças tinha enormissimo valor : era amavel para com todas e dançava de um modo admiravel.

Começaram os commentarios. As mais enthusiaslicas imaginavam que o rapaz lhes queria fazer simplesmente nma surpresa, e por isso esperavam.

Outras começavam a maldizer semelhante demora, porque sujeitavam-se a dançar mal com velhissimos conselheiros e ainda peor com moços apalermados.

As senhoras, que em geral viam o rapaz por duas faces — por elegante e por provavel genro — espiavam os movimentos de toda gente.

— Mas.. não póde ser cousa de novidade, diziam algumas. O rapaz não vem porque foi buscar alguns amigos. Demais, o commendador está bem alegre e satisfeito.

No entanto, apesar das instancias da madrastra e de Carmo a reunião corria com frieza.

Nas salas contiguas palestravam e jogavam os convidados, e em um gabinete tres conselheiros examinavam os aparelhos de physica de Eduardo, que era dedicado ao estudo desta sciencia. Intrigava-os o microscopio. Os tres conselheiros mexiam desasoceadamente em todos os parafusos, e o objecto que desejavam examinar, em vez de se approximar da vista, fugia-lhes.

— A questão é que você, conselheiro, não colloca a mosca no *campo do objectivo*, dizia o mais idoso dos tres, declarando as palavras que lera em livros de Julio Verne.

— Qual historias, amigo, é que a luz do gaz prejudica a visão.

— Não, senhores, exclama o terceiro, é que vocês não mexem com o espelho reflector.

D'ahi a cinco minutos, graças ao prestimo de um physico os conselheiros chegaram a observar as dimensões descommunaes de uma aza de mosca.

\* \* \*

Quem não parava, quem procurava indagar da causa da ausencia de Eduardo eram as mães. Depois de longo tempo, a mais ousada sahio á frente do commendador e indagou do motivo que o atormentava.. O bom do Carmo ficou um tanto atrapalhado, empallideceu e declarou que a ausencia do filho era devida a um pequeno incommodo que o obrigou a ir até Minas.

As moças indagaram da joven madrastra, que inconsciente lhes disse que o Eduardo, o esplendido Eduardo, fôra até Petropolis. Os conselheiros tiraram logo a conclusão : o Eduardo tinha o dom de ubiquidade. A' meia noite os convidados foram-se retirando. Os homens não sentiam a falta do rapaz, sentiam a separação da *pale-ale* ; e as senhoras, umas morriam por se ver em casa e outras invejavam unicamente a millionaria Amelia, a joven esposa do commendador Carmo.

Quando despovoou-se o salão, o commendador sentio faltarem-lhe de todo as forças. As lagrimas, que elle até então suffocára, corriam abundantes.

Amelia, que ouvira um como gemido, correu ao salão e deparou com o marido.

Sentio-lhe o soluçar. A primeira impressão foi generosa; a mulher sentio em si que lhe vibrava uma fibra no coração. Dirigio-se para o marido.

Um espelho collocado em frente de Carmo, mostrava-lhe o rosto do infeliz pai. Então á mulher succedeu a antiga leviana.

Amelia rompeu em um riso semi-calado e ironico.

O que a fizera rir fôra a figura grotesca do commendador.

Realmente, independente da cara sempre feia que faz uma creatura quando chora, é forçoso confessar que poucas seriam as pessoas que resistiriam á má vontade de uma risada.

Amelia rio-se do homem e teve compaixão do pobre diabo ! E já é muito.

Imagine lá o mundo que os milhões salvam um coração de pezares ! ? Nem sempre. Quem se ria era a esposa.

Na verdade, seria diabolicamente ridiculo que uma creatura, como Amelia, se lembrasse de chorar, quando se casara para rir. Para gargalhar tinha em casa a simphoria cara do marido, e na rua tinha o prodigio de seus milhões para fazer rir o mundo inteiro.

\* \* \*

Não fatiguemos, porém, a paciencia do leitor e contemos, resumidamente, a pequena historia das lagrimas do commendador.

O honrado millionario chegara á invejavel posição, que ora occupava, por um d'estes felizes acasos : herdara uma bonita fortuna, jogara-a em transacções arriscadissimas e dellas sahira victorioso.

Casara-se aos 28 annos de idade com uma respeitavel senhora que morreu cinco annos depois, deixando-lhe o mais querido dos filhos — o Eduardo.

Lá que a morte da mulher foi para o commendador um abalo terrivel, dizião-lhe todos os amigos — e eram muitissimos — batendo-lhe nas costas as tres pancadinhas do estylo, sacramentaes.

Na sua mocidade tivera elle um episodio amoroso dos mais interessantes.

A cousa passou-se assim : era Carmo estudante quando foi morar para uma casa contigua á de uma familia respeitavel. No fim do segundo dia estava elle impressionado pela physionomia da visinha, uma gentil mocinha de 20 annos. No fim da semana já elle esquecia-se dos livros para lér idilios nos olhos de sua beldade. Naquelle tempo o commendador não tinha a corpolencia de hoje, era um rapaz sacudido, aligero em toda a extensão da palavra.

Que á visinha não era indifferente o estudante, isto lá, affirmava-o, não elle, mas a insistencia da menina na janella e a pontualidade com que ella o via ir para a academia e com que o esperava todas as tardes.

Entaboladas as relações começou o nosso Carmo a imaginar qual o meio de patentear á visinha o delirio de que se achava possuido pela sua pessoa.

Nesse tempo estavam em moda os bardos lacrimosos e os *suspiros* dos violões. Quanto a ser bardo de uma visinha era cousa muito facil ; bastava-lhe imaginar umas quadras sentimentaes. Foi o que elle fez.

No fim de uma semana tinha elle escripto um volume. Lá foram para as mãos da beldade.

Passaram-se os dias, até que afinal perguntou-lhe ella se não cantava.

Como era então apreciadissima a qualidade de cantor, o nosso Carmo votou pela affirmativa. Mentio, e imaginou logo a necessidade de estudar violão.

Ora, a natureza, desde elle criança, dera-lhe uns dedos volumosos, impossiveis de calcar nos intervallos de uma só corda do instrumento.

Não, senhores ; onde pousasse um dedo do rapaz era contar que lá estavam debaixo duas ou tres cordas do violão. Grandê foi o desgosto. E elle que já fantasiava serenatas ! Reconhecida a impossibilidade physica de instrumentista, procurou elle um *trovador*, cuja voz fosse o martyrio das meninas romanticas.

Achou um e escripturou-o para todas as noites dar serenatas á sua vizinha. Elle que era o empregario, escondia-se no quarto, com a luz apagada ; e, de vez em quando, espreitava para a rua. A vizinha estava á janella, admirando a supposta voz do nosso Carmo.

*O trovador* chorava as suas endeixas, e o violão gemia lugubrementemente.

No fim de quinze dias, o pai da mocinha começou a despertar de seu somno de justo ao som das melopéas.

Os nervos foram-se-lhe irritando, até que deu com a filha em posição de Julieta. Foi uma revolução que se lhe operou na alma.

E' sabido o risco por que passava um namorado naquelles tempos !

O velho formou o seu plano destruidor, e no dia seguinte emboscou-se na porta da rua. Começou o *trovador* a tocar em surdina uns *pizzicatos*, ricos de inspiração, quando lhe sahio á frente Adamastor, iroso e bem armado.

Não houve intimação. *O pater iratus* derreiu o *trovador*.

Nesse momento a *meiga Diana* surgia d'entre umas nuvens e illuminou a frente do bardo africano. Carmo não esperou mais, mudou-se immediatamente.

\* \* \*

Eduardo não tinha herdado, por emquanto, de seu pai senão a bondade de character. Era a elegancia em pessoa. Aos dezoito annos contava dezenas de aventuras amorosas. Aos vinte enamorou-se cégamente de uma ambiciosa que encontrára nos salões da côrte. Não sei se correspondeu-lhe a mulher, o que affirmo é que a calculista não lhe faltou.

Se a idade, ou antes, se as decepções lhe tivessem patenteado as miserias humanas, estou certo de que o rapaz veria nessa assiduidade o attractivo dos *milhões* paternos.

Não foi assim. A' medida que passavam-se os dias, augmentavam a assiduidade de sua parte em todos os lugares, em que apparecesse a elegante, e a insistencia della, em affirmar que delirava pelo rapaz.

A exaltação deste chegou ao ponto de, na primeira occasião apresentar o pai á mais bella *flôr da côrte*, como elle a chamava.

Carmo, que apesar dos seus proximos cincoenta Janeiros tinha boa vista, começou a reparar no porte elegante da moça. Dous mezes depois a insistencia do pai em fallar com a *flôr* era igual á do filho.

Amelia, digamos-lhe o nome já que o leitor o advinhou, calculou repentinamente : o filho ainda ha de *herdar*, e o pai já *herdou*. Conclusão : votou pelo passado.

Dava-se um facto, e era : o pai ignorava que o filho a amava, e o filho achava-se criança para ir contar ao pai os seus amores.

Amelia é que parecia não querer *esperar*. Como de facto. Quando o filho apparecia, encontrava interposto o nariz paterno, a columna de Hercules no *mar* de seus amores, como elle chamava.

Quando foi officialmente declarado o proximo casamento, o rapaz sentio devéras o passo ambicioso que déra a mulher que amava sinceramente. Com o caracter de Eduardo, porém, os desgostos não iam além das 24 horas seguintes. Foi o que tambem succedeu.

O rapaz formou o seu plano de vingança e jurou cumpril-o. Ia firmado no amor exagerado que o seu pai lhe consagrava ; já não era amor, era escravidão o que o velho Carmo sentia por Eduardo.

Contrahido o matrimonio, começou o moço a mostrar-se

paciente para exigencias da sua joven madrasta e ex-namorada.

E' preciso confessar que Amelia, para não desmentir a raça das madrastas, começou logo a impacientar o espirito de Eduardo.

O plano de vingança foi o seguinte : destruir os calculos ambiciosos. Por isso, a ausencia, ou antes, a fuga do moço, no dia do anniversario do pai, não tinha nem apresentava aspecto tragico algum, senão no espirito de Carmo.

Durante um mez, Eduardo praticou todas as loucuras possiveis de imaginar-se ; gastou despropositalmente. Os credores affluiram á casa do commendador, que não teve remedio senão satisfazer uma respeitabilissima somma. Com este proceler, tinha o filho satisfeito parte de sua vingança. Amelia bramia, e o commendador, embora ouvisse os *raciocinics* da mulher, ia pagando as loucuras de Eduardo.

O genero de vingança é pouco dos tempos modernos, mas tem a sua justificação no grande desarranjo mental do filho, apoiado na fraqueza paternal.

Hoje o tormento de Amelia é ver a evaporação repentina de algumas centenas de contos, que ella ambicionava, muito embora reconhecesse que pertenciam por direito ao enteado. Eduardo prosegue na vingança. Um dia virá em que ha de ver que se fez victima tambem.





## SCENAS DE MINHA INFANCIA

As linhas que se vão seguir posso afirmar que não são minhas, pertencem a um dos meus amigos. Não foi devido ao seu consentimento que transcrevi para aqui as columnas de papel almaço que elle guardava ha annos na pasta, como um avarento o thesouro.

No alto da primeira columna lia-se : *Unicas verdades*.

O que succedeu foi que, sorprendendo o amigo no mais ferrado dos somnos dos justos, passei minudiosa revista á pasta e subtrahi, com a maior cautela, o thesouro do rapaz.

Ficou triste, é natural, não sei se pelo roubo que pratiquei, se pelas *unicas verdades* que pretendia dizer ao mundo, e que acabava de perder.

Retiro-me, e deixo a sós o leitor e essas linhas :

 *nôho*, para não esquecer o patriotismo, era o idolo da casa de Carlos Dias. Nascêra, dizião os camponios, debaixo de uns máos olhados. A criança era magrinha, clara, tão clara que parecia que o leite que bebia lhe suava pelos póros

Depois, impertinente, impertinente como nenhuma outra criança da cidade.

Na pia baptismal chamaram-lhe os padrinhos João, em casa o prosaico e patriótico *nhônhô*.

Antes do primeiro raio da aurora, convergiam sobre a criancinha os raios carinhosos dos olhares maternas. A desgostosa senhora não dormia, velava a noite quasi inteira.

Pressurosa ao menor ruido, ao menor vagido attenta, ella, a sublime incarnação dessa palavra mãe, ao passo que se lhe arroxavam os olhos nas vigílias, regava silenciosamente a fronte da criança com o mais sentido, o mais sincero dos prantos.

Se um observador philosopho a escutasse no silencio das noites tormentosas, em que, ás vezes, o delirio se apossava do cerebro da mãe, ouviria a causa de um tal tormento.

O amor de Joanninha — como lhe chamava o esposo — era um amor sublime, selvagem, avaro de seu thesouro, o filho.

Nos primeiros tempos, a criança tinha nas faces a mesma côr do pejo feminino, a mesma côr que se esbatera pelo rosto, quando, noiva, lhe fallara o marido, pela primeira vez, de amor. Pouco a pouco, ao resplendor vivido da aurora infantil, succedia, tambem gradualmente a côr alva da anemias.

A soffreguidão do filho roubava á mãe as forças, que se transformavam em inauditos esforços da natureza humana. Ella dava-lhe diariamente a vida, e em recompensa o filho lhe promettia a morte.

Definhava a criança.

Quando os gritos clamorosos do infeliz combateram, venceram o orgulho, o egoismo do amor materno, a sciencia, consciencioso juiz, que lhe chegava para a salvar e amedrontar, lhe apontou para esse horizonte, além do qual nada vale o saber, nem a sublimidade de um amor de mãe.

Joanninha teve esse abalo de leôa, a quem roubam-lhe os filhos.

E' neste ponto que o coração dos entes palpitam unisonos.

A sciencia bania a mãe, e a barreira que ella interpunha entre os labios do infante e o seio da mulher, era o proprio amor, o sentimento que cegava a mãe.

Depois, a propria razão de Joanninha vacillou, quando reconheceu que a sua dedicação acabava por lhe perder o filho. A criança sorvia insaciavel o leite materno, e o alimento enfesava-lhe o corpo ou trasvasava-o pelos póros.

O marido de Joanninha tinha a dedicação e o amor de esposo, que tambem significam muitas vezes a fraqueza de pai.

Um dia bateram-lhe á porta de casa. Era um verdadeiro architypo da africana. A rapariga tinha o polido, o lustroso admiravel da sua raça. Era um ébano animado. Joanninha sentio no coração a felicidade e a raiva, os dois sentimentos que se harmonisam perfeitamente no coração da mulher-mãe.

O *nhô-nhô* foi quem teve verdadeiras alegrias. Saltou dos braços de Joanninha para o collo de Benedicta, e, como um recém chegado em plagas desconhecidas, foi ás apalpa-dellas á procura do hotel que o alimentasse.

No fim de uma hora Joanninha chorava. O ciume de mãe cravava-lhe as garras no coração ; só placido, o *nhô-nhô*, nessa patriarchal posição da felicidade abdominal, roncava a sua *aria do somno*, ao lado da sua Selica.

A nova ama foi a Providencia para a familia e para a vizinha ; o rapaz engordava e a voz ia-se-lhe gradualmente afundando pelo larynge abaixo. Os vizinhos dormiam tranquillamente e a Joanninha retomava as fórmulas que era o alvo do lyrismo do noivo, hoje marido, no seu tempo de solteiro.

Era indiscriptivel a felicidade conjugal.

Quando passeavam, o *nhônô* era o alvo da attenção das senhoras e dos avós.

Aqui — era um diminutivo lisonjeiro, pronunciado pelos labios innocentes da donzella ; alli — eram as crianças a fazerem roda e côrte ao dignissimo pimpolho, que passeiava repimpado no carro, puchado por dois carneiros e guiado pela querida Benedicta, a flôr de Moçambique.

Um dia, porém, notou Joanninha que o querido corpinho do *nhônô* tinha umas como illas de azulado verde. A' medida que apparecia uma nova mancha augmentava a sonridade no chôro da criança. Começavam a declinar os bellos dias, e a frente da paternidade annuviava-se de tristeza.

De novo a sciencia decretou a banição da ama. A Benedicta chorou, mas não confessou a verdade dos males que innoculava no sangue do innocentinho. A *Farinha Lactea* não foi a principio estimada pelo *nhônô*, que, cada vez que lhe apresentavam o bico da mamadeira, alçava um clamor de vencido.

Com a entrada da ama de Nestlé coincidio a partida do marido de Joanninha, que, attenta a sua profissão de engenheiro, vio-se repentinamente obrigado a partir para uma exploração, em uma das provincias proximas. O novo systema de alimentação do *nhônô* era peor que os dois primeiros. Com effeito, acostumado elle á seiva poderosa da filha de Moçambique, não era natural que fôsse ella facilmente e com vantagem substituida.

Mas . . . eis que, quando menos esperava, apparece em casa de Joanninha uma destas respeitaveis matronas, autobiographias da visinhança toda.

O resultado da conversa é que no fim de sete dias fazia parte da familia ( permittindo-me o sentido da antiga Roma ) um novo personagem — a Sra. Evarista.

Perguntar-me-ha o leitor : a Sra. Evarista, cujo nome não é dos mais poeticos, era uma creatura acostumada aos seus rosarios ? Não senhor.

Evarista era a gentil esposa de um garboso cadete do exercito, rapaz que dividia a existencia entre a taberna e o quartel, onde vivia, para allivio de sua mulher, a infeliz enamorada das estrellinhas, fixas no braço de seu marido.

A' custa de provações, o coração calou-se, dando tempo a que a razão encarasse a situação e a realidade, *c'est-à-dire le vide*, como diz V Hugo.

Evarista sentio arrazarem-se-lhe os olhos de lagrimas, quando revolveu a memoria dos tempos já passados. E' que, talvez nessa época, qualquer cousa a fizera sonhar outra vida melhor.

Com effeito, orphã da mãe que lhe restava no mundo, ella, encarando o abysmo, que era nada menos que o desamparo, sentio todos os perigos da situação. Ao primeiro homem que lhe fallou de amor abriu os braços de esposa, como um naufrago que se apéga ao fragil madeiro com que dépara. E' que nesta vida os desamparados, e, principalmente a orphã, lutam, como os naufragos desesperadamente. A fome cava áquella um abysmo profundissimo — a miseria, como estes, empregando as forças todas para subir á terra, vêm-se subitamente no fundo de outro abysmo.

Evarista amára aos dezoito annos, como amam todas as moças da sua idade, fielmente, e com todas as crenças e illusões da mocidade.

Seu pai fôra um velho coronel, um bravo, desdenhado da patria, por isso que por ella mesma fôra aos campos do combate enterrar as illusões de patriota nas brechas que o inimigo lhe abrira na respeitavel frente. A sua gloria não a contará a historia, porque a historia, a interprete fiel de todas as mentiras, esquece, as mais das vezes, os bravos para erguer aos Patheons as nullidades miseras.

O Estado, o governo, ou o que melhor quizerem, saldavam as suas contas com meia duzia de expressões já velhas e laudatorias das *ordens do dia* da vida militar. As cicatrizes tapava-as com uma fita gratuita, justificação de com-

batente, como se não fossem bastantes as cutiladas que galardoavam o rosto venerando.

Quando morreu restou á viuva uma parte do soldo e algumas economias, que o velho coronel guardára com a sabedoria de um pai que antevê o futuro de sua filha.

Aos dezoito annos o amor de Evarista seria uma illusão, talvez ; aos dezenove foi a realidade, a perda do homem que amou. Aligero, o namorado levantára, como as andorinhas, o vôo a novas paragens.

Quando Evarista sujeitou-se á posição que actualmente tomava, a de amamentar filhos estranhos, fê-lo porque a sua situação era penosa.

Primeiro que tudo, ella era mãe. Quando o coração amaldiçoasse o homem que a tal soffrimento e abandono a condemnava, estava a razão para lhe mostrar as necessidades reaes de esposa e mãe.

Quando a voz se lhe alçasse para chamar á vida honrada o esposo transviado, ouviria ella primeiro a voz de seu filhinho, a voz de quem tem fome.

A mulher, quando chega á extremidade que a leva ao abysmo, não lhe falla nem a consciencia, nem o coração, falla-lhe a propria natureza, a mãe. O esposo embriagára-se em seu amor fantastico de um dia, e, victima do vicio, esquecêra que era um pai.

Ella não foi assim.

Evarista sentio que a dedicação da esposa transformava-se dia a dia em um sentimento inexprimivel, mas que lhe parecia a antithese do primeiro.

Acabáram-se-lhe as illusões, e todas as cordas do sentimentalismo, que lhe restava, vibravam-lhe em hymnos maternas.

A mãe era um crente e o filho a apothese.

Quando Evarista entrou para a casa de Joanninha sentio-se feliz nos primeiros dias.

Lia na physionomia da modesta dona de casa a bondade e a felicidade de esposa.

Aquella habitação era e tinha todas as apparencias de um ninho venturoso.

O Joãosinho sentio-se, de um modo inexprimivel, attrahido pela Evarista. Dia e noite a criança ria alegremente sobre o cóllo da nova ama.

Se Joanninha se aproximava, a criança protestava e energicamente com toda a força de seus pulmões. Depois era de um ciume, verdadeiramente diabolico. Si Evarista alimentava o filho, o *nhônô* reclamava, e, quanto tempo se demorava a alimentação de seu irmão colasso, quanto tempo duravam os alaridos.

Quem observasse, notaria que o João não encarava de boa maneira a outra criança. Entre a ama e a Joanninha o rapaz não exitava, escolhia a commodidade que sentia quando se deitava e adormecia sobre o collo de Evarista. As duas moças riam-se. Ia nascendo entre ellas uma *sympathia* mutua.

Uma tarde, Joanninha estava como que mergulhada nessa *révèrie* tão natural nas horas do crepusculo. Mulher, Evarista sentio-se tambem attrahida pela meditação.

N'aquella, o silencio era unicamente a saudade pela ausencia do esposo ; nesta, era a tristeza e a dôr que lhe abalavam a alma, trazendo-lhe á memoria os sonhos de seu passado. O coração da mulher, quando chega aos paroxismos da dôr, trasborda.

Joanninha voltou-se. Luziam nos olhos negros de Evarista duas lagrimas, mudas, extacticas !

O soffrimento é o attractivo da mulher.

Quando o rosto da gentil ama voltava-se como que a disfarçar o que o coração não lhe pudera calar, o rosto de

Joanninha chegou-se ao della com a expressão sincera da sympathia e do interesse. Evarista contou-lhe a sua historia de infancia, contou-lhe os seus infortunios presentes.

Foi então que se estreitaram as almas das duas amigas.

Não houve um só nome de homem pronunciado durante a narrativa.

Desde que existia o presente é que o passado sumira-se com os sonhos da juventude. Foram dous mezes felizes.

\* \* \*

Uma tarde um criado trouxera duas cartas e pô-las sobre a mesa de costura.

Uma era para Joanninha e a outra para o marido.

Emquanto lia a senhora o conteúdo de sua carta, os olhos de Evarista soletraram rapidamente o sobrescripto da outra carta.

Neste momento o filho escapava-se-lhe das mãos e um ai repentino salvou-a talvez da situação embaraçosa em que se vira inesperadamente.

A' medida que a felicidade do *nhônô* crescia, crescia tambem a tristeza de sua ama.

Joanninha tambem era feliz, chegava-lhe á noite o marido ausente.

Ao anoitecer Evarista pretextou uma doença e retirou-se ao quarto.

De lá ouvira ella, talvez, o beijo sonoro que trocaram os dois esposos.

O *nhô-nhô* olhou apatetadamente para o pai. E' que a experiencia lhe tinha mostrado que cada rosto que elle via, podia ser o de uma nova ama que lhe davam.

Os elogios que da ama, que lhe criava o filho, fez Joanni-

nha ao seu marido, despertaram grande interesse no espirito do engenheiro, que resignou-se a esperar pelo dia immediato.

Era a hora do almoço.

Estava a familia reunida na sala de jantar, quando entrou calma e respeitosa Evarista. Vinha abatida e um simicirculo roxo como que lhe sombreava os olhos.

Carlos, o engenheiro, levantou-se, saudou-a respeitosa-mente, agradeceu o esmero e os cuidados que dispensava a seu filho, e retirou-se palido.

O almoço correu sem animação.

De quando em quando, uma palavra cortava o silencio intermittenemente.

Joanninha, engolphada na felicidade de seu amor, attribuiu a uma causa qualquer a reserva de Evarista e do marido.

Ao meio dia Joanninha era não a esposa, mas confidente dos amores de infancia de Carlos

Evarista exonerava-se do cargo que exercêra honradamente naquella habitação, e a larynge do *nhô-nhô* bradava tormentosa.

Joanninha offerecu, como amiga, um bolça, envolucro de uma quantia importante, que a pobre não aceitou.

— Evarista, disse Carlos dando-lhe a mão, a minha bolça é pobre para recompensar o seu trabalho, o meu *adeus* talvez lh'o pague.

Depois murmurou baixinho ;

— Para estas mulheres só pôde haver ou miseria ou realza .

\* \* \*

Carlos era o passado de Evarista.

---



## PRIMEIROS PASSOS DE UM RAPAZ.



Carissimo Tio,



STOU hoje devéraz sensibilizado pelas expressões da sua ultima carta. Ha sete mezes que não escrevo á familia; fiz-me sectario de Harpocrates, o deus do silencio.

Não repare nesta erudição ; cada qual deve ter o seu idolo, e o meu levantei-o ao supradito deus.

Divorcio-me, porém, hoje delle, e vou, como me pede com instancia, fazê-lo confidente dos meus primeiros passos na vida de rapaz de dezoito annos, que entra pela primeira vez no sanctuario da consciencia a bradar o *penitet me*.

Não posso perceber o motivo porque o meu carissimo tio exige que o faça meu confidente.

Decididamente o tio tem uma proverbial experiencia,

conhece ás leguas todas as difficuldades que seguem a mocidade aos dezoito annos, não é verdade ?

Realmente, aos dezoito annos está-se a cada passo a entrar em jardins de Hesperides e a sahir delles para deparar com esphinges

Estude lá, carissimo tio, a minha confissão e apresente as correccões que achar indispensaveis.

As pessoas de sua idade estam sempre a gritar-nos aos ouvidos e a disparar os canhões de sua decantada *experiencia* ; que não fique, portanto, tão sómente em confidencia o que lhe vou narrar, não senhor ; pegue no lapis e corrija-me as faltas para melhor.

Meu avô fallava muitas vezes na sua *experiencia*. Dizia elle que o tio até então tinha gozado da vida, mas que não tinha deshonorado o nome venerando da familia. Ora, é exactamente o que me não succede, palavra.

Tenho dezoito annos e estou velho, os collegas já dizem que não creio em cousa alguma, e na verdade ha um dia em que eu sou verdadeiramente crente e 29 outros em que o não sou.

O dia 1, a unidade, o symbolo da altivez humana, é a data em que deviam ter nascido Lucullo e Creso.

Tenho notado que os homens que nascem no dia 1 de cada mez são ordinariamente felizes, synonymo de ricos. E' que o destino lhes dá um dote para as *balas* no futuro.

A Providencia deixou-me para tres dias depois, não se lembrando que o dia 3 é o 1.º tão sómente no calendario dos ministerios, que rezam por uma chronologia differente da dos mais, e d'onde resulta que andam sempre com um mez atrasado na sua contagem. Além de tio, o carissimo tio é meu padrinho, e portanto sabe, melhor do que eu, o dia em que nasci e fui apresentado a flôr da burguezia. Sinto-me timorato em abrir-lhe os falsos de minha con-

sciencia, mas, emfim, lá vai *pari passu* o *confiteor* dos meus 18 annos.

Ha treze mezes, pouco mais ou menos, que meu pai me manda sósinho á escola. E' natural, já sou academico, e portanto, com a necessaria idoneidade de ser pagem de mim mesmo.

Sou um verdadeiro estudante, o que significa que conheço muitissimos segredos da sciencia e muitissimos outros segredos do laboratorio *chimico* do Sr. Déroche.

Analyso na Academia as propriedades chemicas do *phosphoro*, corpo chimico-politico, e no Déroche as propriedades chemicas das agnas gazosas e alcoolicas. Na proxima sessão do Instituto Polytechino proponho-me demonstrar que o melhor alcoometro conhecido é a lingua humana.

Foi assim que cheguei ultimamente a verificar que um *grog* é tanto mais apreciavel, quanto conscienciosa fôr a mistura dos reagentes.

Vá vendo o carissimo tio os meus progressos na chimica emprégo duas palavras da sciencia — mistura e reagente,

Mais tarde, pretendo provar que os ministerios são simplesmente *grogs*.

O meu calculo é o seguinte : soda 3 quartas partes ; assucar refinado e do melhor 3 colherinhas, *quantum satis* ; o hemispherio sul de um limão e um calice de finissimo cognac. São estas as relações em que devem entrar as substancias da chimica — Déroche.

Veamos agora a minha hypothese : o assucar representa os dous ministerios — a agricultura e o imperio, aquelle designa o producto assucar e este a qualidade doce ; a gazona representa a justiça e a marinha. A justiça está designada pela evaporação, que é de ordinario o que succede á justiça ; a marinha é representada pelo proprio liquido e pela effervescencia, que assemelha o salitre. O cognac tem naturalmente o seu lugar no ministerio dos

estrangeiros, e o limão designa a guerra e a fazenda pelas suas propriedades : sabor acido, as iras da economia e tornar a côr azul do tornasol de vermelha, a côr da guerra e das calças dos nossos urbanos em dias de grande gala.

Ha um factó exquisito, e é que a soda, o assucar e o cognac, durante a effervescencia, despendem uma certa quantidade de calor ; o que succede com os estrangeiros, ( demittidos ) com a agricultura ( colonos ) e com a justiça e marinha ( galé da *salvação* e a degolação dos innocentes da mariuha ).

Ha muita gente que toma os *grogs* com gelo ; são os affagos da monarchia.

Quando meu pai abrio-me as portas do mundo, deu-me tres cousas : 30\$, um *pince-nez* e um par de botinas de tacões, netos de Luiz XV

Trinta mil réis era a chave para abrir as portas do mundo, o *pince-nez*, para fingir que não via os amigos de collegio, e os tacões para accentuar a minha cathegoria social e para ir assentando as bases da minha futura e esculapica posição.

Uma cousa reparei eu, foi : que 30\$ nas mãos de um rapaz, como eu, se não vivem *ce que vivent les roses* morrem do mal de sete dias, que é a doença que geralmente ataca a mesada dos estudantes.

O ponto, porém, mais sério da minha confidencia é este agora : Andava, ha muito tempo, á procura da causa porque o meu tio e padrinho tinha-me feito presente de um esplendido *Poole* no dia de meu anniversario, que tem a infelicidade de durar um dia apenas.

Pois bem, carissimo tio, o meu relógio era de uma fidelidade ultra-imaginavel, o que significa que todos os dias me estava apontando o numero de horas que levava a passeiar.

Ora, nem eu, nem ninguem temos necessidade de saber o tempo que perdemos, não é verdade ? Por isso, parei o relógio, não lhe dei mais corda.

Satisfiz o humor de minha consciencia, e parece-me que ( ha cousa de quinze dias ) sou um trabalhador invejavel.

O que o meu tio não tem, por certo, observado é que um relógio parado, na algibeira, não serve senão de satisfação para a vaidade e para andarem-nos a' todo o momento a perguntar que horas são.

Um dia pensei eu : por que razão não hei de fazer como os mais, esconder a minha corrente e perguntar aos amigos que tempo tenho perdido ?

Mas, carissimo tio, deve saber que uma corrente de ouro não póde ficar na mala, ao desamparo cruel da minha gratidão de afilhado, por isso procurei uma pessoa *respeitavel* que me podesse guardar, dando-me em retribuição uma quantia equivalente.

Raciocinando depois, vi que a corrente é vista e o relógio não. Demais, é facto notorio que só se ouve dizer — o meu relógio está parado, o meu relógio está a concertar, não tem ponteiros, etc., etc.

Um dia do mez passado fui á casa de penhores que o Estado appellidou de Monte de Soccorro, e que eu appellido de Soccorro de montanha ( á moda da Calabria ). Ah! meu bom padrinho ! Nunca lhe palpitou em igual situação o coração ?

Era a primeira aventura do meu relógio, hoje o decano do estabelecimento ; comecei por passar tres vezes pela frente do *Soccorro*. O que vi foi uma fila de guaridas á moda dos mictorios. Depois, batia-me o coração, rufava-me o figado e a bilis espalhava-se pelo meu rosto.

Olhava para todos os lados ; se via um transeunte, tossia, batia a calçada com a base dos meus tacões e consultava o relógio, que, ha mez e meio, marcava 1 hora, a hora do Déroche e a hora da minha cama.

Quando depositei o relógio é que reparei que a elle succedia o mesmo que a mim, ninguem lhe dava o *verdadeiro* valor.

Não quero por fôrma alguma offendel-o, mas o seu relógio de 100\$ só valeu uns 30\$000.

Mais tarde a viuvez da corrente era inconsolavel e a bondade de meu coração levou-a até ao Soccorro. Eu calculo que de abraços, que de beijos não se deram elles, corrente e relógio ! A vida é assim.

Ha treze mezes tão sómente e já meu relógio é um velho conhecido do Soccorro.

O mez passado, quando o fui buscar ao *collegio*, como sempre assim faz um bom pai, contou-me elle em confidencia que se encontrára com uma illustre dama-pulseira da Sra. X . .

„ Ao principio, dizia-me elle, ella fez que não me conhecia, mas depois travámos as mais intimas relações.

— Estou a tomar ares, disse-me ella. “

Contou-me então mil segredinhos que lhe confiára a pulseira da Sra. X . . .

Na verdade o meu relógio dançara muitas vezes com a pulseira da tal senhora, e tambem tinham tido tempo bastante para se conhecerem, e até de mais.

E' com esta confidencia que provo a minha obediencia ao seu pedido. Muita vontade tinha eu de possuir o meu relógio, mas, infelizmente, o ingrato no fim de quinze dias começa a sentir serias saudades, o que me força a leval-o para entre os seus amigos, conhecidos e collegas. Todas as vezes que o meu relógio vem para casa encontra-se com um magnifico charuto de Havana.

Nesse dia vamos todos, eu, a corrente, o relógio e o charuto, visitar minha estrella terrestre, uma gentil amorenada, de uns olhos vividos como dois coriscos, como duas linguas de fogo incendiarias.

Meu tio já leu Stendhal ?

Pois bem, o meu amor já está no segundo periodo, no periodo da *crystallisação*, como elle chama, em que tudo o

que *ella* diz, o que faz, tudo o que é, pertence ao dominio do optismo.

Ningüem falla nem escreve como *ella*, e quando o coração exulta, o relógio, a corrente e o charuto respondem-me : apoiado, viva Stendhal.

Sobre o amor, dê-me licença o meu tio e padrinho, para exprimir a minha opinião. A condição para um cidadão cumprir com os deveres é ter amor a alguém ou a alguma cousa, e por consequencia, tantos amores, quantos forem os seus deveres.

Eu, por exemplo.

Repare lá, carissimo tio : sou estudante, quer isto dizer que fico em casa estudando e que vou á academia, não é verdade ? Além disso, depois de jantar, manda a hygiene, ( não a do imperio ) que dêmos o nosso passeio e respiremos o oxigeneo das plantas. Tendo, portanto, todos estes deveres a cumprir, adoptei o seguinte numero de amores : um em frente á minha casa, para me obrigar a vir a horas certas para o quarto, a levar o livro para a janella e estudar nos olhos da visinha ; outro em frente á academia para me obrigar a não faltar ás aulas, e assim não correr o risco de perder o anno.

Este amor mergulha os labios nas affeições do colleguismo inteiro, um *cocktail* de amor ; outro em frente ao jardim ao Passeio Publico, ou ao largo do Rocio, para conservação da saude e respiração do oxigeneo ; outro ambulante, pela rua do Ouvidor, para me chamar ao congresso do Castellões ; e, ainda um outro, e ultimo, que sirva de reserva, no caso de perder repentinamente um dos citados. Dizem que isto não é meu ; não sei, adopto. Hei de dar um digno sobrinho de um dignissimo tio.

A's quintas-feiras vou dançar na visinhança. Vou muito cedo e, emquanto não chegam os convidados, fallamos ou cantamos.

Fique sabendo, meu tio, que um namorado tem necessi-

dade absoluta de cultivar a arte. A minha vizinha, que me obriga a vir ( de dia ) cedo para casa, e que é o meu livro de moral domestica, canta e encanta, apesar de pronunciar mal o italiano ; mas esta culpa não é della, é de um professor bahiano, que ignora a sua, mas que teima em querer saber a melodiosa linguagem de Petrarca.

Quando se acha ausente o meu relógio, é então que se dá o periodo da ingratidão ; finjo os arrufos e ausento-me.

A visinhança leva a cantar dia e noite o *non ti rivedró mai più* da *Aida* e eu acompanho no meu piano, que está sempre meio ponto mais baixo. E esta é uma delicadeza do meu piano, porque tenho notado que o da visinha tende a baixar também, e a isto é que o meu não quer ceder o passo.

Nos bons dias, quando se reúne a minha familia — eu, a corrente, o relógio e o meu charuto — e vamos ao theatro, não para as galerias e pelo modico preço de 2\$, mas sim para a platéa, os meus olhos valem, se a visinha lá está, muito mais do que um libretto com a traducção e com o italiano. Actualmente temos um tenor que a faz chorar, e, como as operas estão crivadas da expressão — *io t'amo*, o resultado é que a visinha está sempre olhando para mim, o que eu sei, porque olho para ella.

Aprendo também nos bons dias de felicidade a fazer *crochet*, porque attendo á maxima de que saber nunca pesa.

Foi um capricho da visinha ensinar-me a fazer *crochet*. E a verdade é que não encontro difficuldades maiores. Ha uma certa rebeldia na minha mão esquerda, o que comprova que é destituida de habilidade.

A visinha ri-se da minha molleza, da pouca actividade de meus dedos e da falta de propensão que tenho para o *crochet*.

Em compensação acha admiraveis as minhas poesias, ás quaes succede muitas vezes, nascerem, com vinte pés em

cada verso ; mas isso não admira, pelo contrario, é natural que todos gostem que os monumentos que lhe são offerecidos tenham as mais solidas bases.

Um verso de vinte pés tem a estabilidade necessaria para resistir ás tormentas do presente, e um reforço de locomoção para acampar nos arraiaes da posteridade.

Ainda tinha uns peccadilhos mais que contar, mas que são de insignificante monta, e não augmentam de um decigramma o peso dos meus peccados.

Despeço-me e sou o seu sobrinho,

ALFREDO.

\* \* \*

*Sobrinho e afilhado.*

Aceito a tua confidencia. E's honrado, embora estroina. A tua theoria chimicho-politica é admissivel ; é preciso comtudo reflectir que uma theoria chimico-politica não se deve crear, olhando para a situação politica do nosso tempo.

Além disso, repara que a relação do limão para o assucar não é proporcional á do gelo e do cognac.

O limão é acido, e por consequencia a *fazenda* e a *guerra* deviam ser dominadas pelo imperio e pelo assucar, que pertence á agricultura.

Mais alguns grammas de cognac, no teu *grog*, não fazem mal. Hoje a politica externa dorme, e os *estrangeiros* inter-nos dansam.

Continúa a tratar da convalescença do teu relógio, e, quando subires ao Monte do Soccorro, lembra-te de que estás descendo.

Um beijo no teu charuto e um abraço no teu relógio.

X..





## ANTES E DEPOIS.

---



OBAM decididamente as fadas que, por espirito de sexo, ensinaram os caprichos e modas á mais bella metade do genero humano.

Verdade é que bem podem ser synonymos — fada — mulher — capricho — moda, á fóra honrosas excepções.

A leitora é uma d'ellas.

Foi, pois, por um desses caprichos, que certa fada amanheceu, um dia, impaciente, nervosa, epileptica.

Traçou no espaço tres signaes cabalisticos com magica varinha, acompanhados com outras tantas palavras enigmaticas e esperou um segundo.

Os zephiros, obedientes ao menor aceno, chegaram pressurosos, trazendo-lhe os aromas das rosas e jasmims ; levantaram os louros e esplendidos cabellos que cahiam pelos hombros de alabastro, deram-lhe um movimento que Lespés invejaria, e fugiram alegremente.

A fada olhou-se em um proximo regato ; seus labios traduziram com matador sorriso a intima satisfação ; a natureza deu-lhe as mais bellas e luxuosas vestes, engrinaldou-lhe a fronte com a corôa da belleza e mocidade.

— Estou vestida e penteada, disse ella.

D. Fada não saltou, saltitou sobre as floresinhas que lhe beijavam na passagem os pés mimosos ; passou por campinas, bosques, valles e parou junto a uma gruta.

Um velho guardião, cujo nome nos esquecemos de indagar, levantou-se, traçou sobre o hombro esquerdo a capa que lhe cobria o corpo, maltratado pelos annos.

— A's ordens de V. Ex., minha senhora.

— Meu bom velho, disse a fada, quero visitar o seculo das luzes.

— A sua graça, minha senhora ?

— Eu sou o Demi-monde.

— Tenha V. Ex. a paciencia de entrar e esperar um só momento. Meu amo ainda almoça. Aqui deste salão poderá V. Ex. observar os paizes mais civilizados, predilectos de meu illustre amo.

O Seculo não se fez esperar ; herdara de seus antepassados o requinte da delicadeza para com o sexo amavel.

Imagine-se um solteirão, no mais lato sentido da palavra, bem trajado, *moustache siré*, um dandy emfim.

Os séculos têm a mesma natureza do caracol, quanto á reprodução da especie !

A fada, que sabia disso perfeitamente, desembuchou sem a menor reserva.

Novo sorriso, excellent carta de apresentação. O Século é homem sério.

— O que me traz aqui é bem simples. Quero nova transformação nos teus filhos, na mocidade.

— Vejamos, minha senhora. V. Ex. não se tem portado bem. Aluguei-lhe a minha casa — Pariz — dei-lhe belleza e poder. Não se satisfez, passou a Mancha, o Atlantico, as fronteiras, sem ao menos me prevenir, e vai revolucionar os pobres Brasileiros, que eram gente tão pacata !

— E' verdade : mas estou farta dessa gente chorona, que me leva a gritar aos ouvidos — amor e mais amor. Não quero saber de sonetos, nem de madrigaes, quero risos, delirios e retratos, em ouro, da Rainha Victoria. Meu pai assim me educou, não quero saber de outros preceitos.

— Seu pai ? julguei-a filha de pais...

— Incognitos ? não senhor. Meu pai é Dumas filho, não sabia ? Quero que transforme...

— Mas bem vê, V. Ex., que isso é querer desmoralisar-me. Já não é pouco o que se diz de meu pai, do meu avô.

— Ah ! é teimoso ? pois bem, eu o ensino, deixe estar, fica debaixo de minha protecção.

A fada deu uma estrepitosa gargalhada nas bochechas do Século, e se bem o disse, melhor o fez. Atravessou o Atlantico, desembarcou no Pharoux e com o primeiro pobre diabo com quem deparou, agarrou-se.

A varinha traçou no espaço um circulo, e eis o amigo transformado em um Adonis.

A olhos vistos diminuiu a fada de estatura, passou ao rachitismo, fez-se um atomo, entrou e tomou posse do coração da victima.

Não era de balde que esta passava mal as noites ; sentia palpitações continuas, atirava-se nos braços dos Esculapios — a gente mais feliz da nossa côrte. Nada ! tudo cahia por terra, as tentativas burlavam-se continuamente.

O atomo, que lhe invadira o orgão da vida, era o atomo da discordia. Era estudante ; perdeu o anno e foi curar-se na Europa. Note-se o rapaz, o atomo não.

A' paternidade, sempre céga, jurava que estava bom e estudava...

No fim de alguns mezes voltou aos patrios lares com uma *cartinha*, recibo de uns cobres que depositou na agencia commercial de doutorandos.

Fazia hontem madrigaes a uns olhos pretos, acordou hoje fazendo *calembourgs*.

Elle bem sentia em si uma mudança ; já não era o mesmo ; amava um anjinho de seus sonhos, lindo como os amores ; agora via que nada mais o impellia para junto desse ente. Como lhe sobrava vida, alegria e uns magros *cum quibus*, lá ia seguindo na vanguarda dos pagodes.

D'ahi a um, tres, seis mezes, um anno, não era elle só ; um batalhão dos da sua tempera constituia o reino da loucura ; a Roma era esta côrte, o capitolio o Alcazar.

A fada, acostumada ao clima da outra zona, soffreu o effeito do calor de Fevereiro e adormeceu indolente no coração do doutorzinho.

As estrellas *flantes* brilhavam no céu pariziense ; obedecendo á lei da gravitação, passaram pelo céu fluminense e *fixáram-se*. Kepler não previo a negativa á lei que descobrira : tenha paciencia.

Os tabelliães, eternos proprietarios da rua do Rosario, abriram e collocaram sobre a mesa os inventarios ; a mocidade com o poderoso microscopio da ganancia, analysou, comparou a habilidade dos pais em ganhar e a dos filhos em gastar, fez a estatistica geral das fortunas dos avós do sempre amavel bello sexo.

O rapaz, em certos dias, dava um pulo á casa do parente

que festejava o anniversario, envolvia-se no turbilhão val-sante com a priminha predilecta.

Que gente abençoada é essa !

*Ella* sorria, suspirava ; inexperiente, abandonava o fle-xível corpo aos caprichosos movimentos do par ; entrega-va-se aos devaneios das danças, pendia no hombro—tambem primo— a frente, onde a moda estendêra um véo de *Velou-tine* e lá se ia mergulhar nesses mares tempestuosos de illusões da vida feminil.

Mares que têm sereias, e as sereias cantam . . .

*Elle* para *ella* era uma admiração ; *ella* para *elle* um todo interrogativo.

Nunca se entendiam positivamente. *Ella* voltijava em torno de um coração que era de fada ; *elle* em sua rotação continua adorava . . . adorava a *alma de sua alma*, uma he-rança da priminha.

— *Grande-chaine !*

As mãosinhas abraçavam-se. O thermometro da alma é um aperto de mão ; é por isso que certas moças, que marcam sempre zero, estendem-nos uns celebres longos dedos, estoques enluvados.

A desordem dos trastes da sala indicava que a *soirée* chegára ao seu auge. Os pares cruzavam-se, os espelhos reproduziam com fidelidade os sorrisos de occasião ; o *frou-frou* da seda casava-se ao susurro das vozes de todos os timbres.

Os baixos, os tipes, tenores e sopranos combinam-se, permuttam-se com mais facilidade do que faria um habil calculista. Um velhinho, apreciador do bello, abotôa o *croisé*, como um centurião a tóga.

— Agora é que está bom, diz elle esfregando as mãos, com velhaco risinho.

As mãis recuam até á parede, e fazem campo : os recém-casados com os mais antigos e proverbiaes ares de

santarrões, exprimem *urbi et orbi* a sinceridade um pouco livre de seus corações.

Batem palmas.

Accórdes, recitativo e uma voz tenta debalde entoar  
— *Gran Dio, morir si giovane !*

— Quem canta ? mãe de Deus !

— D. Mafalda. Que amolação !

— Eu antes queria um beijo da filha do que della, palavra.

— Pois olha que ella está dizendo que vai morrer bem joven.

— Já deu o que pôde, meu caro.

— A filha. não te digo nada.

— E' bonitinha como o diabo !

Esta ultima phrase é acompanhada de um movimento de attricto entre o pollegar e o index, o que todos sabemos perfeitamente o que significa.

D. Mafalda termina entre applausos. Risadinhas abafadas, chuva de epigrammas.

— Muito bem, D. Mafalda. V. Ex. parece estar ainda nos seus dezoito. E' verdade !

Ella não responde e faz muito bem ; tem consciencia de si, para quanto serve. O coração não morre !

— Uma quadrilha, meus senhores. Dois elegantes dirigem-se ao mesmo ponto. Atravessam-se com os olhares do ciume endiabrado.

As medalhas dos relogios gyram nos dedos. Oh ! essas medalhas são verdadeiros pesadelos !

Terão retratos ? cabellos ? . . .

Um ai ! dois. logo vinte. Uma imprudente barata atravessa de passagem a sala, beijando o rosto de um joven.

E' incomprehensivel, inexplicavel a sensibilidade do systema nervoso no bello sexo ante um insecto pacifico, tão americano. tão patricio nosso !

Uma affonsista exclamou no auge do entusiasmo — *que*

*vengan ! cá estoi yo* — e terminou desmaiando ao ver o bichinho que emigrára para lá.

Os namorados voam a desvanecer os sustos, cabendo a primazia aos primos.

O doutorzinho progredio, mentio, adulou os velhos ; sahem os proclamas em um dia, em outro passam os pombinhos ao rol da gente séria.

O dote está na mão.

A lna de mel completon o mez, seguindo a orbita, formou os eclipses — arrufos — e derrete-se por fim.

O ditoso par, por nma deliciosa noite de Maio, ao luar, idealisa ainda mergnlhando a vista por entre as nebulosas. A natnreza veste-se de galas ; os noivos, quaes naufragos atirados ás praias de nm paraíso mahometano, adormecem á sombra dos amores.

Os pais não cabem em si de contentamento.

— Que casamentão, oh Barbara !

— De trnz, men velho. A Marocas é uma mocetona de truz !

— E o rapaz ? gostava d'ella ?

— Se gostava ! Aquillo é querer casar, aquillo sim. Tu nnnca soubeste me dizer dessas cousinhas. que eu ouvi ao dontor.

— Já te esqueceste ? fiz-te versos.

— Elle os faz melhores. Ora espera, ainda me lembro de um dito delle.

A Marocas estava com uma cara de tolinha, mas ouvia...

— E tu, onde estavas ?

— Atrás da porta.

— Hum ! o mesmo que fazia tua mãe ! O que dizia o doutor ?

— Dizia assim — quando os laços do hymeneu ligarem os nossos corações, eu te levarei nas azas de meu amor ás plagas do infinito.

— Não entendo, e tu ?

— E quem entende a linguagem dos doutores? A Marocas casou bem, não ha duvida.

— Elle tambem não fica atrás. A rapariga levou cinquenta contos e eu sou commendador.

O barometro matrimonial marca bom tempo; a arvore do amor cria flores e dá o primeiro fructo. A imagem é velha, mas serve para o caso.

Os avós agarram-se ao badalo do enthusiasmo e tocam a rebate.

— O' D. Quiteria, ora veja só, é tão engraçadinha; eu nunca vi!

— Como se chama, D. Barbara?

— Ha de ser Marocas, como a mãe.

— Alice, é mais bonito, está na moda: parece dizer — alli se. .

— Menina! quem é você, hein?

A criança dá um grito selvagem.

— Sim, senhora, já entende, não é?

— E' um azougue, Santo Deus!

— Diz adeus a D. Quiteria, nêê.

E passa a criança a fazer a pantomima — que todos nós fizemos — de abrir e fechar os dedos.

— Isto ha de ser uma esperta!

A vóvó agarra na criança que olha um tanto desconfiada para aquella gente.

— Vou comer a barriguinha della.

— Quem sou eu? você quer casar com o Quincas?

O Quincas é o filho da Quiteria.

— Não imagina, é tão caladinha, não me incommoda um só instante.

Para confirmar a *baby* canta.

— Ella hoje está aborrecidinha. .

— Ha de ser dos dentes. . .

Uma rajada fustiga o céo ainda sem nuvens, o barometro marca variavel.

— Que tens hoje, Arthur ?

— Uma indisposição, Marocas.

— Estás doente ? dize.

— Qual ! Imagina que este diabo de emprego exige-me agora um sacrificio ; já não basta o trabalho, é preciso ir até ás dez horas da noite. Estou massadissimo ; peço a demissão.

— Mas para que, Arthur ?

— Estas malditas conferencias diplomaticas, minha filha. Não ouviste fallar nellas ?

— Sabes que não entendo disso.

— Pois ficas sabendo então, Marocas. O Japão mandou um diplomata, e a cousa não está muito bonita.

Se o Brazil não se quizer sujeitar á sua imposição é bem possivel que tenhamos por ahi guerra.

— E o *Jornal* o que diz ?

— Cala-se ; é segredo tudo ainda.

— Ah ! e por quantos dias haverá conferencias ?....

— Poucos, creio eu.

— Ainda bem, eu tenho medo !

O relógio bate sete horas.

— Pois eu vou até lá....

— Volta cedo, sim ?

— Sim ; eu estou massado cré !

O dandy abraça, beija a mulher e lá vai cantando :

*C'est donc toi, madame Barras,*

*Toi qui fais tant d'embarras ?*

O Japão mandou, com effeito, um diplomata chamado Offenbach e o salão das conferencias é na rua do Espirito-Santo — que tem um espirito de pouca santidade — As Variedades para variar.

Ah ! se se pudesse agarrar nesses diplomatas *ad hoc*, fazer-lhes o mesmo que se está fazendo aos cães ! Apa-

nha-los em rêdes, leva-los á policia para as caras metades os irem reclamar, garanto que o Estado aufereria um lucro fabuloso, exigindo um vintem, um só vintem por cada bipede.

E não se lembrou disso o Sr. de Cotegipe !! Não peço privilegio, para nada vale, dou gratis a lembrança.

A Marocas que é a perola das noivas, salvo uns certos caprichozinhos, senta-se ao piano e canta um — *Adeos*.

O aragão marca a hora fatal para a *flôr da gente*, a esposa fecha o livro, observa o filhinho adormecido, espera o diplomata. Entra este, corre a Marocas e pendura-se ao pescoço da boa peça, seu marido, a victima da da fada.

— Tardaste ! . . .

— Se te parece . . . . Quando eu digo ! Estes diabos de estrangeiros fallam, berram, ninguem os entende.

— E continuam as conferencias ?

— Sabe Deus quando acabarão !

Agora vem a China com as suas.

— Mas eu perguntei ao vizinho, e queres saber o que me disse ?

— Foste dizer ? Não se póde confiar nada a mulheres, já viram ? Um segredo de Estado ! Ora, ora . . . . E o que te disse elle ?

— Poz-se a rir.

— Naturalmente . . . algum tólo . .

— Disso não tem elle nada. E' formado em direito, advogado . . . .

— Ah ! e como sabes disso ?

— Foi elle mesmo quem m'ò disse. Brinca muito côm a menina, dá-lhe balas.

— Está bom ; pois eu acho que é prudente não lhe fallares. O mundo tem bocca, e coitado daquelle que cahe nella.

— Então não fallo mais.

Passam-se os dias, e nada de findarem-se as conferencias.

O barometro passa a marcar chuva. A Marocas espera a noite inteira, e o diplomata, para não se expôr ao tempo, não volta á casa. Então chegou o supremo instante; rasga-se o véo que a mulher — ainda tola— traz nos olhos, e a realidade desenrola o quadro das miserias domesticas.

E' um *dize tu, direi eu* interminavel. Lá fóra, na rua do Ouvidor o marido é um pandego, espirituoso, um discipulo da escola de Francisco I ; em casa o espectro do aborrecimento, cuja fronte vive sempre annuviada pelo enfado, um continuo mal estar.

Entra— apressa o jantar e volta ás conferencias, ás lutas do *tapis vert*.

As economias domesticas substituem pelo classico Virgem o Chambertin, e o Tokai faz as delicias do Provençaux.

As dividas ao alfaiate, ao sapateiro não lhe dão abalo ; as contrahidas com a dama de cópas e o valete de espadas são cousas delicadas que affectam a honra que a fada evaporou.

A Marocas, a ingenuidade em pessoa, fica admirada, chora, corre ao espelho, — o conselheiro das damas—, mira-se e diz :

— Ainda sou bella !

O doutor, visinho, diz-lh'o quando póde ; ella mais acredita ainda.

Um dia percorre as columnas do *Jornal* e depara com um annuncio :— *Creme da rainha de Sabá, — Perolas celestes, — Leite de Phyrnéa.*—Um pulo e está tudo em casa. Põe-se diante do confidente e começa a operação do lapis magico e do creme ; mette-se em um banho de opoponax. O marido nada vê, desgosta-se do perfume, o doutor, advogado, tudo vê e acha o perfume embriagador, celeste até. . .

A mucama ajuda-a admiravelmente na transformação, ensina mesmo. Maravilhoso ! As madeixas vão perdendo a

côr do ebano, e um louro pallido a vai gradualmente substituindo. O melhor remedio para amaciar a pelle é vadiar ; ella sabe disto, estica-se no sofá e devora ( com licença ) romances e mais romances.

Começou por Stael e descrendo della, conheceu a litteratura da moda. O visinho faz-lhe vêr a diplomacia a que ponto é *diplomata* ; ella é idealista, o primo realista. O Japão complica os negocios por um lado ; por outro o dote de Marocas tendo sido submettido a temperaturas elevadas, evapora-se rapidamente ; o visinho aplaina as difficuldades todas. Em sonhos apparece-lhe um espectro, um verdadeiro Janos.

Uma das faces encarquilhada, feia, o amor do seu priminho ; a outra bella e risonha — o amor do advogado.

O barometro sóbe — tempestade — mas a Marocas que conhece a questão a fundo bate o pé.

— Seu Arthur, você me engana, eu sou livre de fazer o que quizer.

— Em minha casa quem manda sou eu, ouvio ?

— Eu tambem. Vá esperando.

— Você está doida, mulher ?

— Meu caro, chegou a época da emancipação. Sou livre !

— Quem lhe ensinou essas cousas ?

— Aprendi durante as suas conferencias. O senhor matou o meu santo amor.

— Amanhã levo-a para a casa de seus pais, menina. Oh ! o meu futuro ! Que escandalo, Jesus !

A cabeça é um vulcão, a alma é uma geleira.

O vizinho recita melancolicamente :

„ O Tejo era sereno, a riba silenciosa, a viração subtil !

— Olha, meu caro, cá está uma carta que, por engano abri. E' da Aimée, ouviste ? Uma conta de um vestido de velludo para o papel da *Grande-Duchesse*, isto com certeza não é para mim.

O marido abaixa a cabeça e cala-se ; a consciencia grita-lhe : toma ! és o culpado.

No dia seguinte, novas scenas, novas complicações ; as nuvens acastellam-se tempestuosas n'aquella atmosphaera conjugal. Ahi tendes, se não sabeis por vós mesmos, o verdadeiro inferno em casa ; podeis enfeitar o vosso domicilio com milhares e milhões de cruces, porque o demonio uma vez dentro, é difficil enxota-lo.

A nuvem, verdadeiro *nimbus* aterrador, está a arrebentar ; a fada, escondida no coração do diplomata, acórda, escapa-se dos auriculos e ventriculos, atravessa o torax, a epiderme, volta ás antigas fórmas e apresenta-se. Uma princeza de cabellos de ouro !

Fura com a magica varinha a nuvem que arrebenta, alaga, arrastando amores, juramentos, a bagagem dos protestos todos.

O filho — se algum ha — precoce, como os filhos cá da terra, estende os braços até o cofre do vovô, e, um pé aqui, outro alli, vai subir, como o pai, ao Capitolio.

Marocas, á vista do escandalo, inverte o papel de Enéas, põe a filha ás costas, corre, foge e desmaia ao sahir de casa.

O vizinho — *formarum spectator elegans* — soccorre-a ; ella cobra animo e ajuda-o por sua vez.

O marido espreguiça-se, boceja para esquecer os ultimos escrupulos da consciencia.

A fada, que tem a habilidade de todas as fadas, faz uma carêta ao seculo das luzes, e, envolvendo nos braços a victima, diz-lhe ao ouvido : *me voilà, mon cher*.





## MOVE-SE A TERRA ?

---



**P**ARA os homens ávidos de saber nada ha, nem cousa alguma póde haver de comparavel ás viagens. Não tratemos, porém, dessa cohorte, que a si impõe tormentas e perigos, em prol de uma causa santa, qual a da sciencia, isto é, a luz que buscam para encaminhar o homem no verdadeiro trilho da verdade. Deixemos o viajante que estuda, deixemos os que vadiam, e da noite para o dia, sonhando, ou com as maravilhas da Alhambra, ou com as delicias do Trocadero, preparam-se a deixar o cargo de pai para repetir um dos passados episodios da mocidade. Fallemos no homem que viaja levado pelo nosso globo.

Que todos nós somos viajantes, ainda mesmo metidos entre os muros do nosso aposento de rapaz, di-lo a sciencia, demonstrando-nos a vertigem com que pelo espaço rola esta enorme mala-posta — a terra.

Esta primeira viagem que desde o berço, ou, melhor, desde muito antes do berço fazemos, não é caso completamente reconhecido pela totalidade humana.

Essa duvida já vinha de longe : nascêra com a declaração do sahio e confirmava-se com a estupidez, condemnando o velho, que absorvêra parte da mocidade a observar a oscillação de uma lampada na cathedral de Pisa, e apparecia na contestação do camponio que até áquelle dia não tinha razões de queixa do nosso planêta.

Movia-se a terra? Ganhassem os homens da sciencia muito com a tal descoberta, para elle era-lhe isto indifferente.

O que elle de certo não dispensava é que apparecesse o sol para lhe seccar as roupas e reanimar a seiva das suas plantas, e que depois se retirasse para lhe deixar o descanso e um momento para á luz baça do candieiro apreciar as feições graciosas da companheira.

Além d'isso, elle, acostumado a respeitar as tradições da familia, sustentava que, lá para os altos conhecedores, seria tudo muito possivel, para elle não. A terra não se movia.

O portão do quintal abria-se e fechava-se durante 50 annos unicamente por si? Não; portanto o *mundo* repousava na sua inercia.

Se a porta estivesse fechada *á chave*, dizia elle, podia bem ser que, virando-se o *mundo* de pernas para o ar, não houvesse forças para abri-la; porém sem esse impecilho, ella, que não se abria é porque de todo era erroneo semelhante preconceito da sciencia.

E' verdade que um collega de infancia, e na actualidade companheiro nas lides agricomicas, mettido a entendedor de todos os principios da sciencia, e havia dous mezes batido pelo rude camponoz, estudando profundamente a questão, achara um argumento que derrocou em regra a sciencia do primeiro.

O outro, que tinha, com effeito, maior pratica dos escaninhos de que se servem todos os questionadores e d'onde tiram maços de sophismas, calculou a victoria e para isso procurou o momento em que estivessem reunidos muitos companheiros, que, incontestavelmente, o applaudiriam.

— Seu João, dizia elle, mirando com soberba o rival, que, ha dous mezes, alli mesmo, o derrotara com a palavra. Com a palavra e com a *sciencia*. Seu João, é chegado o momento: diga-me cá, ainda sustenta que não se move o *mundo* ?

— Como sempre, seu Antonio. O portão lá está... no mesmo lugar ; quem o abre sou eu ou a rapariga. Olá, rapazes, vocês já viram que virando-se o mundo, como diz o seu Antonio, se abrisse algum portão ?

Negativa geral. Era uma temeridade esta do Sr. Antonio. Era um pugnador, não direi pela sciencia, mas um escravo da vaidade que obrigava a colher, aqui e acolá, umas palavras retumbantes, escapadas da bocca do juiz de paz, para despeja-las na primeira occasião azada, grangear o cognome de *sabio*, ser eleitor, tudo isto com o mesmo sangue-frio e atrevimento, como fazem os oradores de qualquer ordem.

O João não lhe contestava o merito e a superioridade. Elle lá sabia, sem se esquecer, que, emquanto elle aprendera o *a b c*, o Antonio papagueava o *eu tenho, tu tens, elle tem*, a ponto de merecer os emboras do juiz de paz, que era o mestre, a admiração do commercio da localidade e a animação do vigario que o educava nos principios de um bom christão e nos fins de um melhor sachristão.

O Antonio pendia para a poesia, rustica, mas sincera ; e, como todo o bom poeta da escola idealista cria nas grandes phrases do seu juiz de paz e mestre.

O João era o fiel guardador das crenças da familia. Aquelle vivia mais ao largo e este não passava do horizonte do campo que lhe dava o feijão. e a carne secca !

Sim, senhores, o João matava o seu novinho, *semeava* a

carne molhada e colhia-a completamente secca ; alli, no seu campo. Era justamente como todo o homem de bom senso, que diz o que pensa e não repete o que os outros imaginam.

E' bem possivel que, de parceria com o milho e a batata, enterrasse o João todos os annos um pouco da intelligencia; por isso entrara e sahira da escola, completamente inhibido de comprehender os movimentos do nosso planeta.

O juiz de paz, é forçoso confessar, não *caprichava*, nem podia ser mais explicito nas suas lições. Elle mesmo da terra e seus movimentos tinha uma idéa vaga e que não ia além do movimento eleitoral. (Era chefe de um partido politico).

Em uma grande sessão geographica o mestre convidou as notabilidades da terra, e em falta de apparelhos, dispoz-se a explicar de outro modo os grandes segredos dos mestres da sciencia.

O João e o Antonio estavam presentes.

O juiz de paz, em uma allocução preliminar, fizera ver as vantagens dos conhecimentos geographicos: para a musica, para a poesia, para as artes, para as *industrias* (era o termo) e principalmente para a lavoura!

Nesta época já havia um boato que corria sobre a reunião do Congresso Ahricola. A lavoura, galhardamente representada, apenas ouviu fallar nas vantagens da geographia para o agricultor arqueou o pavilhão da orelha, sorveu patriarchalmente o Paulo Cordeiro e escutou.

Neste momento começava elle a peroração por demonstrar, com um pequeno exemplo, que além de ser indispensavel a geographia ( elle queria dizer astronomia ), ella garantia uma parte do capital do fazendeiro, que nas suas plantações, e em virtude da grande extensão dos campos, não é possivel precisar o lugar onde se acham as sementes que se perderam, e que podiam, retirados do lugar, ir fructificar em outro de mais uberdade.

— Semeais o vosso feijão... um grão, por exemplo.

Passa-se o tempo, não grelou (o feijão, é o que elle pensava); quereis salvar essa diminuta, mas poderosa (!) fracção de um capital, não o podeis fazer. Sumio-se o grão... o que equivale á perda de *milhões* de fructos, que alimentariam *milhões* de viventes. Eu vos ensino um *methodo*, quero dizer, um meio para achardes o perdido. Estudai a *geographia*, e, quando chegardes á determinação dos pontos do globo... parai. meditai... excogitai... reparai ainda. Eureka!

Nós quando caminhamos, vamos occupando successivamente diversos pontos do nosso globo. A sciencia ensina os meios de saberdes em que ponto vos achais.

São as *latitudes*... são as *longitudes*.

Perdestes o vosso feijão? Sabeis a *geographia*? Então manejai o instrumento chamado *estante* (queria dizer *sexante*), achais a *latitude*, achais a *longitude* do lugar onde ides semear o grão; tomai nota, e quando o perderdes, refazei os calculos: — está resolvido o problema.

O Antonio enthusiasmava-se; o João olhava abstrahidamente para todas as physionomias e nada comprehendia.

Quando voltou para casa, contou o que ouviu ao pai. O pai fez o mesmo que o filho: descreu da sciencia, isto é, fez-se obedecer pelo João. Este era criança mas já descreia de muitas historias dos sabios.

No emtanto o juiz de paz, para patentear os seus *illimitados* conhecimentos *geographicos*, proseguia na sua expliação scientifica. A historia de achar o feijão pela altura dos astros causou enorme sensação no auditorio. Sumia-se de uma vez a novidade do *teléphone* e *phonographo*. A palavra *estante* tinha sido escripta nas carteiras de *notas*; e no dia seguinte, resa a *chronica*, muitos despacharam ordens aos seus correspondentes na *côrte* para a compra do instrumento *estante*.

Grande foi o numero de *facturas* expedidas, e dias depois, ainda o afirma a *chronica*, só se viam nos campos diversos

enthusiastas a manipular *estantes* (de livros), procurando determinar a latitude e a longitude do orifício por onde introduziam na terra o feijão.

O juiz de paz para explicar os movimentos de rotação e translação da terra, manejava um enorme pião, jogava-o, e quando cahia no chão, rodando rapidamente sobre o seu ponto de apoio, o professor rubro de orgulho e de *sciencia*, expunha os seus conhecimentos. Para explicar o movimento da terra e da lua, em torno do sol, usava elle de um systema, que não era de todo mau.

— O Sr. vigario, dizia elle, é o sol ; está sentado, eu sou a terra, ando á volta do sol ; e o senhor, *seu* João é a lua. Ora bem, eu ando á volta do Sr. vigario, e *vocemecê* anda á volta de mim, percebe ?

O rapaz affirmava que sim inconscientemente.

— Vamos lá, ordenava o juiz de paz, caminhe á volta de mim.. Assim... muito bem.. Agora.. vou eu caminhar tambem á volta do Sr. vigario. Não pare.

A primeira parte ia muito bem. A lua caminhava em torno da terra sem novidade ; quando, porém, principiou a andar, começaram-se a embaralhar as idéas do João. Já elle não sabia como executar o movimento, e errava.

— Está errado, bradava o mestre, errado ; *vocemecê* já se esqueceu do que lhe ensinei. Quem sou eu ?

— E' o Sr. juiz de paz, respondeu o rapaz hesitando ; e vendo que havia no olhar do novo Tycho-Brahe signal de reprehensão, corrigio : é o Sr. mestre.

— Agora ; quem sou eu ? a terra, a lua, ou o sol ?

— A terra, sim senhor. O Sr. vigario é o sol.

Emfim, trabalhou o nosso homem, revezando os discipulos, cada um delles comprehendo talvez muito mais que o professor, inclusive o Antonio.

O João, esse confessou-se ignorante. Boa vontade não lhe faltava, mas elle não sabia caminhar pelos mundos da metaphysica.

Voltou para casa, abatido e triste. Tudo aquillo revolucionou-lhe o espirito e pôl-o até doente de cama.

\* \* \*

O pai fez todas as diligencias para que o rapaz proseguisse nos estudos. Debalde.

O menino era doentinho ; e os estudos têm isto de máo, *matam*. E' por isso que morre tanta gente de turbeculos pulmonares ; é *dos estudos*, não ha duvida ! Estuda-se para ganhar *experiencia*, e reestuda-se aos 50 annos. Sempre a vontade de aprender ! E negam a nossa actividade ! .

Sahio o rapaz da escola, soletrando mal, sommando e diminuindo soffrivelmente, e papagueando os mandamentos da lei de Deus. O que elle sabia era *mergulhar* a nabiça na terra como dizem os lavradores ; as juntas dos bois obedeciam-lhe cegamente.

O Antonio lá pairava pelo mundo das illusões ; escrevia as chapas para as eleições, fazia o recenseamento, era eleitor até ! .

O contacto, nos proximos mezes de eleição, com os doutores e candidatos, fornecia-lhe colheita de termos empolados e de phrases arredondadas que elle decorava com evangelica paciencia para, na primeira occasião, patentear os seus progressos. O Antonio na ausencia dos doutores era o doutor.

Acontecia ás vezes que uma palavra o embaraçava de véras. Era a primeira vez que a ouvia pronunciar ; e, por isso, tomava muito sentido. Chegando á casa, fechava-se no quarto ; e, como um rabequista estudando variações de um Paganini, ou uma *dillettante* escalas e exercicios, começava elle a ensaiar a pronuncia da palavra. Durava aquillo meia hora, talvez ; no fim da qual estava apto para pronunciar o termo com clareza e repetidas vezes.

Palavra que lhe custasse tempo e trabalho era contar que não a largava durante um mez, pronuuciando-a a cada instante e em todos os seutidos.

Os companheiros perguntavam uns aos outros :

— O Antonio já mudou de palavra ?

— Não, no fim do mez elle expulsa-a da bocca, provavelmente.

Reconhecido como um talento na localidade e amigo de João, não supportava elle que, diante da freguezia em peso, se derrocassem, não só os seus conhecimentos, como se escarnecesse da sciencia, o seu idolo.

Concentrado, elle bem conhecia ás vezes que as palavras de João, comquanto absurdas, eram claras para exprimir-lhe os pensamentos, ao passo que elle, ás vezes, para fazer apologia de uma idéa, ia buscar um termo do Dr. A... e mais dous do Dr. B... , que por sua vez repetia o que ouvia ao secretario do presidente, que repetia deste, e este de algum ministro em communicacão directa com um Allah.

Tirassem-lhe a vaidade, e o Antonio era o segundo tomo de João.

Reatando o fio da historia : achou-se o nosso homem em posição melindrosa diante da pergunta do Sr. Antonio :

— Ainda sustenta que se move o *mundo* ?

— Como sempre, seu Antonio, respondeu-lhe o companheiro estranhando a invectiva.

— Pois bem, seu João, estudei melhor a questão. Diga-me cá, nunca vio abrir-se sozinha a porta do quintal ?

— Não, senhor, eu lhe garanto, nunca vi.

— Nunca vio ? e vocês, o que dizem a isto ?

— Ah ! responderam alguns, ás vezes ella abre-se por si, mas então é o vento quem a empurra. Isso não admira.

— E' o vento ? perguntou solemnemente o Antonio.

— E' o vento ? com que então, dizem vocês que é o

vento ? ! Pois fiquem sabendo que *vento* é cousa que não existe.

— Não existe ? então diga-me, seu Antonio, que diabo é isso que me leva a carapuça, quando estou trabalhando, isso que me carrega com a roupa, isso que faz andar o barco no rio e mover o moinho ? Ande — explique-me, faça favor.

— Repito: *vento* é cousa que não ha neste mundo. Vocês nunca entraram em um trem da estrada de ferro ? Vocês estam na estação— faz um calor de matar, entrem para o trem, começa este a andar . . a andar . . . a andar, cada vez mais, e que sentem vocês ? já não sentem mais calor, sentem fresco. O que foi que fez este fresco ? Foi o trem, não é isso ?

— Foi, sim senhor, responderam todos.

— Logo — não existe vento ! Vocês riem ? é o que lhes digo. Supponham agora que a terra é um trem, que caminha . . . isso que vocês sentem e que vos carrega com a roupa e faz andar o barco é o que prova que a terra se move.

— Mas . . . pergunta o João, quando não ha vento que nos carregue com a roupa, que faça andar o barco, é porque a terra está parada ? diga-me lá ?

O Antonio sentio que a pergunta não era digna de desprezo ; empallideceu, concertou o espirito, vendo, porém, que os circumstantes começavam a escarne er á surdina, fez um esforço sobre si e respondeu com toda a convicção de *sabio*:

— Seu João, fique sabendo que quando não ha isso que lhe leve a roupa e a carapuça, é porque o *nosso mundo* está a descançar, enquanto a outra metade, a dos francezes e inglezes, está se movendo.

— Com effeito, seu Antonio, isso é possível, mas não me explica tudo. O senhor não me póde dar um pequenino exemplo ?

— Perfeitamente . . . não ha dias maiores do que outros, e noites maiores do que outras ?

— Ha. lá isso ha.

— Pois é por isso : quando o mundo anda os dias são menores, quando descança são maiores. Está convencido ?

— Estou, estou . . . Realmente você, seu Antonio, está muito acima do nosso juiz de paz ; se elle me tivesse explicado isso, ha vinte annos passados, palavra, que não eram capazes de me chamar de burro.

\* \* \*

— E' para que saiba, concluiu o Antonio, quando se estuda não ha cousa alguma que se não explique. Olá . . . levou tempo, mas até afinal chegou o dia de o vencer, seu João.

Passáram-se dias. A victoria do heróe já era conhecida da população, exultavam-o e apontavam-o como futuro personagem da situação politica da terra.

Uma bella manhã entra-lhe em casa o João, abatido e pensativo. Dois semi-circulos sombreavam-lhes os olhos, a vista era languida e os beiços decahidos como os de um doente apathico.

— Sr. Antonio, saberá *vocemecê* que ha dois dias que não socégo, nem durmo.

— Porque ? Sr. João, quem lhe fez mal ?

— A sua historia do outro dia.

— Ora essa ! E então, vem aqui para que ? para me desafiar, não é isso ?

— Não senhor, venho aqui para me explicar cá uma cousa ; diz o senhor que é a terra, ou o *mundo* que se move, não é isso ? pois então trate de inventar um apparelho para não fugirem os grãos de milho e de feijão quando chegar o tempo de os pôrmos a seccar.

— Homem, essa é que não me lembrava, mas não ha duvida, eu lhe explico...

— Sim ; eu, parece-me, tenho razão ; pois se o vento... ou como lhe queiram chamar, accarreta com a roupa que está a seccar, e faz andar um navio enorme, como é que andando o mundo, não hão de ir pelos ares o milho e o feijão que quasi não pesam ?....

— A cousa é esta : você, seu João, quando maneja a funda vê cahir a pedra ? não, pois a cousa é essa, a terra é como a funda, anda tão depressa que não deixa cahir o que tem em cima.

— E quando está parada ?

— Quando está parada nada cahe, porque está voltada para cima.

\* \* \*

O Sr. Antonio morrerá orgulhoso da sua *sciencia*, e a verdadeira, embora sacrificada, fica-lhe devendo o ter convencido um homem 'de que *se move a terra* e da existencia de uma *força* — a *força centripeta*.





## HISTORIA DE UM ALFINETE.♫

---



ÔA leitora, desculpe-me o ter de usar da chapa muito conhecida dos romanistas. Esta historia, porém, não foi escripta por pessoa nenhuma, mas sim pelo mesmo alfinete; achou-a um amigo meu entre uns papeis velhos quando os destinava ao fogo. O titulo despertou-lhe a curiosidade ; devo ao meu amigo a bondade da offerta ; e o leitor ficar-me-ha devendo o obsequio da transcripção. Quer-me parecer que deveria antes intitular biographia as linbas que se vão seguir ; não quero, porém, transformar o original, traslado-o fielmente.

I

„ Não posso garantir quaes os meus pais, porque, desde a minha infancia comecei a peregrinação a que são destinados os meus semelhantes. Nasci em Bermingham ; sou, por consequencia, um legitimo inglez.

No fim do curto prazo de dois mezes, que durou o meu somno na prateleira da fabrica, segui, para Criméa, fazendo parte do exercito inglez que marchava para o Oriente e destinava-se á tomada de Sebastopol. Durante a viagem é que vim a saber de onde era natural. Occupava orgulhosamente o meu lugar entre 249 irmãos que compunham commigo uma carta de alfinetes.

Já d'alli começava a meditar nas condições possiveis da minha existencia.

A travessia foi longa, e comtudo não enjoei : é verdade que no meu beliche e no fundo de um enorme bahú estava a salvo de todos os resfriamentos do mar e dos perfumes dos machinistas.

O meu beliche, bem como os dos meus irmãos, compunha-se de um pequeno orificio, onde repousava o meu pé, que a civilização teima em appellidar ponta ; um outro, que abraçava toda a circumferencia do meu abdomen, e um terceiro e ultimo, que servia de travesseiro á cabeça.

Destinado ao theatro das operações bellicas anglo-francezas, era de prever que não tardaria ir participar das glorias militares, atravessando as orelhas de um Cossaco, ou atando as ligaduras de um ferido do exercito alliado.

Enganei-me. Devido á compaixão do enfermeiro, passei do grande bahú inglez para uma pequena mala franceza.

Já não me sentia em terras da patria. O que estranhei, porém, foi encontrar no meu novo palacio um completo exercito de irmãos em muito maior numero do que no bahú inglez.

Dir-se-hia o exercito grego na barriga do cavallo, na celebre guerra de Troya.

Comecei então a observar que, exceptuados vinte e cinco amigos e patricios, o resto era gente que papagueava perfeitamente a linguagem pariziense.

O silencio e a resignação eram o meu estado habitual. Sentia saudades d'aquellas sujas caras que vi, na infancia, na fabrica, e doia-me o coração ( porque o temos ) de não ter tomado parte em acção alguma do nosso exercito vencedor.

Desesperei da traição do enfermeiro, e quando tencionava descrever em um abaixo assignado a nossa situação, que muito justificadamente poderiam taxar de deserção, pois, dado o balanço economico, seria evidente a nossa falta, vi-me forçado a calar as vozes do orgulho patrio. Tres mezes passei em trevas, no fim dos quaes estava no coração de Pariz, na janella de uma costureira, á luz do sol radiante, vendo passar pela frente rostos de uma frescura juvenil admiravel, de um rosado avelludado do pecego, dentes, ora naturaes e lindos, ora artificiaes e fingindo a madreperola.

No meio deste *brouhaha*, era eu o unico que não entendia a lingua franceza.

Passaram-se tempos. Um bello dia eis que pára defronte de mim um avantajado senhor, que manejava no annular esquerdo enorme brilhante nascido na cidade dos Lençóes, na provincia da Bahia. Era um brasileiro. Comecei a reflectir, e achei impossivel que o dito senhor quizesse possuir-me. Eram diminutas as minhas forças para lhe segurar a fivela, o collarinho ou a gravata.

Foi preciso resignar-me, estava comprado. Antes, porém de parar nas mãos de um Americano ou de um anthropophago, como se dizia naquelle tempo, e quando vinha a mãozinha *coquette* da minha gentil possuidora tirar-me do lugar, fiz um pequeno esforço para alcançal-a e beijal-a.

Levantei a cabeça ; estava já prestes a roçar pelo avelludado da epiderme, e eis que a posição inconveniente da mão faz com que, em vez da cabeça, fosse o meu pé quem lhe tocasse. Era a primeira posição de um exercicio que mais tarde aprendi no Imperio Americano.

Uma gotta de sangue ficou-me suspensa no pé.

— *Que le diable t'emporte !* disse a moça, atirando-me para cima do millionario.

Este apanhou-me, atirou-me ao chão, pisou-me, acompanhando os gestos com um *arre ! maroto !* e com uns olhares gulosos, lançados para as mãos da minha feiticeira senhora. D'ahi a dois minutos estava mais senhor da situação, admirando o millionario a beijar a lagrima de sangue na mão da pariziense.

Mas... estava decretado que eu era o padrão de gloria do brasileiro ; passei a occupar a parte posterior da golla do casaco.

De passagem, observei que o anel já não estava no dedo nacional brasileiro. Ao longe havia uma scintillação, especie de fogo de Sant'Elmo sahindo da mão da costureira.

## II

E' forçoso confessar — o Brasileiro castigou-me barbaramente ; porém dahi por diante fui o mais feliz dos viventes. A cada passo o meu possuidor encontrava um amigo, virava a golla do paletó, mostrava-me com ufania.

— Vês isto ? não imaginas que historias e que romances escrevi eu com a ponta deste alfinete ! Este é o symbolo de um amor platonico. Queres saber ? este alfinete representa o valor de um brilhante de dous contos ou cinco mil francos.

Uma cousa não comprehendia eu — é que fim teriam levado os meus companheiros.

Ia a todas as festas, viajei de primeira classe e fiz a travessia do Atlantico, sempre como um objecto de admiração.

Tanto quanto me foi possível observar pela casa do paletó, confirmo a opinião dos viajantes, que elogiam o panorama da bahia do Guanabara. Esforcei-me mesmo tanto para observar de perto a base do *pão de Assucar*, que cahi da minha prisão no chapéo de um catraieiro.

Imagino o estado pezaroso do millionario que me perdeu !

Tão depressa não mãos do catraieiro, o primeiro desgosto que tive foi ver a condição a que tinha descido.

Começou o soffrimento por servir eu de instrumento extractor dos parasitas aninhados nos pés do catraieiro. Felizmente, lavado e limpo, occupei lugar honroso no chapéo do heróe. No dia seguinte um estudante que desembarcava precisou de um alfinete.

Lá fui eu para as mãos de um vadio. Tive então uma existencia trabalhosa. Pela manhã, enquanto o estudante papagueava a demonstração de um theorema, manejava-me com incrivel insistencia, introduzia-me pelo ouvido, e horas levava a desentulhar aquelle cano da memoria. Ao meio dia ajudava-o a fazer cigarros e a socar o fumo ; e assim aromatisado reoccupava a minha antiga posição — na parte posterior da golla do paletó — á semelhança da do millionario, com a differença unica de que a minha actual situação era simplesmente burguezia.

Depois do jantar visitava todos os dentes do meu estudante com certo interesse e carinho, e á noite, quando pensava descançar, lá ia servir de botão á ceroula, que durante o dia andara amparada pela calça. D'onde tirei esta conclusão : que alfinete em mãos de estudantes é o primeiro supplente dos botões, o juiz de paz de todas as *casas*, vassoura indispensavel, e por ultimo obreia para segurar as paginas da sabbatina escripta.

**Até então ainda não tinha soffrido physicamente.**

O estudante descuidou-se. Mudou de paletó ; um collega subtrahio-me. Desde logo comecei a ser objecto de ciumes.

Cada qual chamava por mim. De manhã pertencia ao Brito, ao meio-dia ao Quincas da Polytechnica, e á noite acontecia que me deitava com este e amanhecia no collarinho do Chico da medicina. Pregado por este ás pressas, cahi. Fui achado pela filhinha da dona da casa. O meu primeiro prestimo foi servir de agulhão. Collocado na ponta de uma vara, espicaçava gatos e cães da vizinhança. Depois vergavam-me, e lá ia servir de anzol para peixes imaginarios, ou se os havia, que comiam a isca sem ficarem presos. Tornei ás mãos do estudante, empregado, porém, desta vez em melhor fim.

Retomando a minha antiga posição vertical, servi para fazer parte de um mimo enviado á beldade fronteira.

O meu papel, dizia o rapaz, na carta, era importante, servia para provar que assim como um alfinete unindo as duas extremidades de uma fita conservava a disposição do ramo, assim o matrimonio, unindo duas creaturas que se anam, perpetúa a familia.

De modo que o meu papel era importante, representava o matrimonio por comparação, ou antes por hypothese.

### III

Foi a primeira vez que me vi mais ao ar livre, atulhado de idéas republicanas. Acabava de sahir de uma *republica* entrava no quarto da virgindade.

Apenas cheguei ás mãos perfumadas da menina Amelia, comecei a olhar desconfiado para o ambiente em que estava, para os olhos azues da moça e para o collo alvissimo em que acabava de ser, com o ramo, collocado. Doidejei, por alguns instantes, pelo reino da poesia, descobri thesouros inexplicaveis e indiziveis mesmo, na minha qualidade

actual de confidente. Vivi longos mezes neste pequeno ninho de amores. A' noite dormia espetado no traveseiro ; de dia, prendia as extremidades de um laço ao collo da minha Amelia. Quer-me parecer que o estudante teve ciumes da minha ventura. Um dia lembrou-se de pedir a minha extradição. O tratante sentia a falta de algum botão, e queria por força reintegrar-me nas minhas antigas funcções. Enganava-se. A minha possuidora, que era um tanto supersticiosa respondeu-lhe laconicamente : — Não lhe envio o alfinete, porque dizem que dar alfinetes é picar as amizades.

Os meus collegas do Godinho invejavam-me continuamente.

Quando ia a um theatro e uma scena commovente enternecia a minha noiva, a ponto de humedecer-lhe os olhos, levantava-me com geito, na ponta do pé, e dizia-lhe ao ouvido : socega, não chores, tolinha.

Quando ella ria, eu dansava-lhe no collo : e ás vezes feria-a até ; era o delirio que se apossava de nós !

Estava já tão senhor de meu posto, que, quando descobria na platéa a cara sorumbatica do estudante, dava uma alfinetada para ella levar a mão ao sitio offendido, o que, visto pelo rapaz, com certeza o enciumava. Em uma poesia, que a ella enviou, dizia que o seu maior *anhelo* ( termo de poeta enamorado ) era ser o alfinete que lhe tinha enviado.

Não me admirei, antes achei que o rapaz tinha excellente gosto ; o que ainda duvido é que elle quizesse ser o alfinete, que fui, nas funcções de supplente de botão ou de pá para a extracção dos parasitas do pé do catraieiro.

Assisti ás representações no Lyrico ; ouvi a opinião dos sabios contrapontistas, que nessa época pullulavam, e ouvi muita declaração de amor nos bailes do Cassino Fluminense.

Nesse tempo já fallava o portuguez.

Notei que um official de gabinete, rapaz bonito, embora

tolo, mostrava muito a farda aos olhos da minha Amélia, que, por sua vez, fixava muito os olhos nos dourados da farda do secretario.

Quando chegou á casa, lançou um olhar de lamparina sem azeite para as janellas do quarto do estudante, e como não lhe chegasse o somno, sentou-se á mesa, agarrou em mim e escreveu, ou antes calçou sobre o verniz da mesa esta espantosa quadra :

*Ha já tres dias  
Que te não vejo ;  
Se me não amas diz com franqueza,  
E' o que desejo.*

Cahi das nuvens. Só uma enorme indigestão de poesia podia abortar semelhante monstruosidade poetica ; fôra esse todo o lucro da conversa que tivera a menina Amélia com o official de gabinete.

No dia seguinte fui içada para a cupola de um penteado monstro. Um pouco exposto ao tempo, é verdade, porém em posição de mais franca observação ; e disto a minha dona deu fé.

No dia immediato fui atar um laço nas regiões lombares, e pouco a pouco descendo ( de cima para baixo ) cheguei á triste realidade de supplente de botão de botina de moça !

Que pesadello ! e que decadencia ! Nunca mais tive noticias de meu estudante, nem sei se ainda invejava a minha baixa posição. Progressos fazia o official de gabinete. Choviam as cartas e as flôres. Passei de supplente de botão a supplente de colchete, substitui, decentemente e em posição curvada, em uma noite, a argola de um brinco ; e por este serviço, voltando á minha posição vertical, reintegrou-me no meu antigo lugar junto ao *fichú*.

Notei de passagem que, á medida que os desejos da

mulher se realisam, tudo para ella tem uma alta maior do que a maior nas casas bancarias.

Dia e noite ria-se a gentil mocinha. Mas.. *les belles dents perdent les beaux yeux* ; e em pouco tempo ficou ella com a realidade, isto é, sem o official e sem o estudante.

A perda do primeiro destes coincidio com a dadiva de um ramo, de que eu fazia parte. O official retirava-se e levava um despojo— um ramo, um laço de fita e um alfinete britannico.

Passei das mãos do official, em companhia do ramo, para as mãos da filha do ministro.

Não era feia, mas era inferior á Amelia : um pouco diplomata e sabedora da arte de ser amada. Tocava sonatas de Chopin, ás quaes chamava *Scherzo*.

Não me demorei nas mãos desta boneca. No dia seguinte precisando o pai de um alfinete para segurar a pluma do chapéo armado, transportaram-me para o navio, que os ministros trazem na cabeça, de quilha para o ar.

Li muitos artigos de fundo, que de algum modo me offendiam, uma vez que me achava elevado ao honroso cargo de ministro de estado.

Assisti por vezes aos conselhos da corôa, e nada comprehendí ; havia palavras de subido quilate para a minha comprehensão. De tudo quanto vi e ouvi só pude concluir que reinava confusão nos espiritos, que os poderes pessoases eram sete, e o poder espiritual um só.

#### IV

Como se vê, graças á minha boa estrella, cheguei a uma das mais elevadas posições a que póde chegar um homem, quanto mais eu, que nasci humillissimo !

Um bello dia a esposa do ministro quer enviar um ramo das mais escolhidas flôres á Imperatriz.

Deram caça aos alfinetes ; fui uma das victimas. Fizeram-

me um vestidinho todo de seda amarella e verde, puzeram-me um chapéozinho todo de laços ; transformaram-me, finalmente, e passei a um novo sexo, sómente para fazer parte do *bouquet sui generis*.

Na verdade, estava garrido em comparação daquelles tempos em que vivia a servir de palito e de botão.

Cheguei ao throno, observei que muito cidadão lá vai ao paço em vesperas de nomeação, ou em vias de aspiração a qualquer emprego, e, mais do que tudo, notei a verdade da seguinte phrase de Victor Hugo :

*Toute bouche de savant qui complimente un autre savant est un vase de fiel emmiellé.*

A minha posição era realmente uma honra, mas já a vida era penosa para quem leva, mettido em laços, todo o dia e toda a noite. Demais, nem sequer uma cara bonita.

Alli tudo é de aspecto quinquagenario. Flores nas jarras, no rosto a pallidez de um semanario ou a robustez de um ministro ou visitante — e nada mais alli se vê.

Em companhia do *bouquet*, de que fazia parte, enviaram-me a uma viscondessa.

Pois bem, ha dois dias que esta senhora está quasi a entregar a alma a Deus ; e pelo que observo, quer-me parecer que me querem ( com o ramo ) enterrar vivo com as minhas vestes de anjo.

Aproveito a exiguidade do tempo para escrever a minha historia. Cheguei ás mais altas posições, e acabo de ser victima da vaidade.

Morreu a viscondessa. Já me chamam para entrar para o caixão. De tudo isto o meu semelhante póde concluir, bem como o genero humano, que nada ha mais horrivel do que a morte em vida, moralmente fallando. ”

\*

Terminava aqui a historia. Escripta por algum espirito, talvez, é bem possivel que o titulo não seja mais do que um disfarce.



desenho da capa deste livro foi o *adeus* artistico de Bordallo Pinheiro.

Tres dias antes de offerecer ao publico as minhas *Fantazias*, recebi, deste amigo e collega, um mimo que, por certo, invejariam muitos outros, a quem o talento e o merito elevaram ao patriado da litteratura.

Por um injusto capricho da sorte fui o feliz.

A bondade de Bordallo Pinheiro deu-me subida honra, deu todo valor ás *Fantazias*, illustrando-as com um mimoso desenho : nesta cidade — ultimo fructo do seu applaudido talento.

Bordallo retirou-se d'esta uberrima terra brazileira a 30 de Março, e, á meia noite de 29, terminava o desenho que orna a capa do meu livro.

Resta-me do publico uma esperanza : se forem desprotegidas as *Fantazias*, tenho a quasi-certeza de que os admiradores do artista agradecer-me-hão a ultima inspiração de Bordallo Pinheiro n'esta côrte.

Ao Bordallo, pois, o agradecimento e um abraço do amigo

ALFREDO BASTOS.

# INDICE

---

Fantasia a quatro mãos.....	5
Os Confidentes.....	15
Usos e Modas.....	27
Na roda elegante.....	39
Mais vale um toma.....	49
Scenas de minha infancia.....	59
Primeiros passos de um rapaz.....	69
Antes e depois.....	79
Move-se a terra?.....	93
Historia de um alfinete.....	105

---

## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).